UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGROECOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM AGROECOLOGIA

ANDRÉ BRENNER DE ALENCAR PAGEÚ

COMPETIÇÃO E PARTIÇÃO DE NICHOS RADICULARES ENTRE A PALMEIRA BABAÇU (*Attalea speciosa MART*) E O CAPIM (*Urochloa brizantha (Hochst.ex.A.Rich) Stapf cv. ‘marandu’*) EM SISTEMA SILVIPASTORIL NA AMAZÔNIA MARANHENSE

SÃO LUÍS – MA
2021

ANDRÉ BRENNER DE ALENCAR PAGEÚ
Engenheiro Florestal

COMPETIÇÃO E PARTIÇÃO DE NICHOS RADICULARES ENTRE A PALMEIRA BABAÇU (*Attalea speciosa MART*) E O CAPIM (*Urochloa brizantha (Hochst.ex.A.Rich) Stapf cv. 'marandu'*) EM SISTEMA SILVIPASTORIL NA AMAZÔNIA MARANHENSE

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia da Universidade Estadual do Maranhão para a obtenção do título de Mestre em Agroecologia.

Orientador: Prof. Dr. Christoph Gehring

SÃO LUÍS – MA
2021

Pageú, André Brenner de Alencar.

Competição e partição de nichos radiculares entre a palmeira babaçu (*Attalea speciosa* MART.) e o capim (*Urochloa brizantha* (*Hochst ex. A. Rich*) *Stapf cv. 'marandu'*) em sistema silvipastoril na Amazônia maranhense / André Brenner de Alencar Pageú. – São Luís, 2022.

72

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Agroecologia, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Christoph Gehring.

1.Ecologia. 2.Agroecossistema. 3.Solo. 4.Competição. I.Título.

CDU: 631.95(812.1)

Elaborado por Giselle Frazão Tavares - CRB 13/665

ANDRÉ BRENNER DE ALENCAR PAGEÚ

COMPETIÇÃO E PARTIÇÃO DE NICHOS RADICULARES ENTRE A PALMEIRA BABAÇU (*Attalea speciosa MART*) E O CAPIM (*Urochloa brizantha (Hochst.ex.A.Rich) Stapf cv. ‘marandu’*) EM SISTEMA SILVIPASTORIL NA AMAZÔNIA MARANHENSE”,

Aprovado em: 23 /12 /2021

BANCA EXAMINADORA DEFESA

Prof. Dr. Christoph Gehring (Orientador)
Universidade Estadual do Maranhão

Francisca Helena Muniz

Prof. Dra. : **Francisca Helena Muniz – (Examinadora)**
Universidade Estadual do Maranhão

Georgiana Eurides de Carvalho Marques

Prof. Dra. Georgiana Eurides de Carvalho Marques – (Examinadora)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão Campus Reitoria

SÃO LUÍS – MA
2021

DEDICATÓRIA

Dedico a todos os povos tradicionais do estado do Maranhão, em especial as mulheres quebradeiras de coco babaçu, verdadeiras guardiãs de nossa biodiversidade.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

RESUMO

Grande parte da Amazônia legal maranhense é dominada por pastagens de capim exótico do gênero (*Urochloa* spp.) com palmeira Babaçu (*Attalea speciosa* MART). Esta combinação constitui um sistema silvipastoril tradicional, que oferece a oportunidade de investigar como duas espécies muito competitivas e amplamente distribuídas interagem no solo. Este estudo mapeia perfis de raizes no solo (0,5 m x 1,0 m) em três sistemas silvipastoris na periferia oriental da Amazônia maranhense formados por Babaçu e capim (*Urochloa brizantha* (Hochst.ex.A.Rich) Stapf cv. 'marandu') em três tratamentos (distâncias) de dominância relativa ao colo da palmeira Babaçu: ‘dentro´dominancia do Babaçú’ (0,4 - 0,6 m); 'média distância' (2,50 - 6,0 m) e 'longe –dominância da Urochloa' (8,0 - 10,00 m), contabilizando três classes de diâmetro predefinidas: 'fino' (<2 mm), ‘médio’ (2 - 5 mm) e 'grosso' (>5 mm) paras ambas espécies. Os resultados apontaram uma prevalência de raízes finas superficiais, com 74,6% concentradas na camada (0 - 20 cm), e mais abundantes nas respectivas áreas de dominância, com 48,07% de participação de raízes finas de babaçu na posição"dentro", e 84,09 % de participação da *Urochloa* na “longe”. Raízes médias e grossas de Urochloa foram menos expressivas em todas as posições. Mas as raízes médias e grossas de Babaçu foram significativas no enraizamento vertical na posição “próxima”, com raízes grossas concentrando-se a 20-30cm ($P<0{,}0001$) e médias crescendo até 50 cm de profundidade ($P<0{,}0002$). Os perfis verticais de raízes finas entre Babaçu e capim Urochloa diferiram, apontando para partição de nicho na faixa de 0 - 10cm, com 41,9% de todas as raízes finas de Urochloa concentradas nos primeiros 0 - 10 cm, em oposição ao enraizamento mais profundo do Babaçú com 69,8% das raízes finas de Babaçu entre 10 – 50 cm. O perfil radicular vertical de Urochloa não foi afetado pelo tratamento. Já as raízes finas de Babaçu escaparam da competição por enraizamento mais profundo no ponto de dominância da Urochloa. Concluímos que a limitação superficial das raízes finas de Urochloa a ao solo indica uma redução da eficiência ecológica de pastagens monoespecificas de Urochloa. Em contraste, enraizamento fino mais profundo do Babaçu indica plasticidade / expansão de nicho da palmeira quando em competição interespecífica, melhorando a eficiência ecológica do sistema. Essa caracteristica provavelmente é um componentes-chave para o notável sucesso ecológico do Babaçu em pastagens degradadas na Amazônia oriental.

.

Palavras Chave: ecologia; agroecossistema; solo, competição.

ABSTRACT

Much of the Legal Amazon in Maranhão is dominated by pastures with a large presence of genus (*Urochloa* spp.) with the palm tree Babaçu (*Attalea speciosa* MART). This combination constitutes a traditional silvopastoral system that offers the opportunity to investigate how two very competitive and widely distributed species interact in the soil. This research maps soil root profiles (0.5 m x1.0 m) in three silvopastoral systems in the eastern periphery of the Maranhão Amazon formed by Babaçu and Brachiaria (*Urochloa brizantha* (Hochst.ex.A.Rich) Stapf cv. 'marandu') in three treatments (distances) of dominance relative to the neck of the Babaçu palm: ‘inside’ Babaçu dominance' (0.4 - 0.6 m); 'medium distance' (2.50 - 6.0 m) and 'far – dominance of *Urochloa*' (8.0 - 10.00 m), accounting for three predefined diameter classes: 'thin' (<2 mm), 'medium' (2 - 5 mm) and 'thick' (> 5 mm) for both species. The results showed a prevalence of fine superficial roots, with 74.6% concentrated in the layer (0 – 20 cm), and more abundant in the respective areas of dominance, with 48.07% of participation in the fine roots of "inside" babaçu, and 84.09% of participation of *Urochloa* in the "far" position. Medium and thick *Urochloa* roots were less expressive in all positions. But medium and thick babaçu roots were significant in vertical rooting in the “inside” position, with thick roots concentrating at 20 – 30 cm (P<0.0001) and medium ones growing up to 50 cm deep (P<0.0002). The vertical profiles of fine roots between Babaçu and Marandu grass differed, pointing to niche partitioning in the 0 – 10 cm range, with 41.9% of all *Urochloa* fine roots concentrated in the first 0 - 10 cm, as opposed to more rooting deeper of babaçu with 69.8 of the fine roots of babaçu between 10 - 50 cm. The vertical root profile of *Urochloa* was not affected by the treatment. However, the fine roots of babaçu escaped competition by rooting deeper in the *Urochloa* dominance point. It was concluded that the superficial limitation of *Urochloa* fine roots to the soil indicates a reduction in the ecological efficiency of *Urochloa* monospecific pastures. In contrast, deeper fine rooting of Babaçu indicates plasticity/niche expansion of the palm when in interspecific competition, improving the ecological efficiency of the system. This feature is likely a key component of Babaçu remarkable ecological success in degraded pastures in eastern Amazonia.

Keywords: Ecology; agroecosystem; ground, competition.

CAPITULO I

INTRODUÇÃO GERAL E REFERÊNCIAL TEÓRICO

1. INTRODUÇÃO

A colonização da região amazônica brasileira foi centralmente moldada pela conversão da floresta tropical em pastagens para bovinocultura extensiva, em sua maioria com rebanhos de baixa eficiência produtiva (FEARNSIDE, 2017; ROMEIRO, 2019). O desmatamento, seguido por queimadas sucessivas reduz a capacidade produtiva do ecossistema (VILLA et al., 2018).

Anos de reprodução deste modelo de uso do solo resultaram, solos desestruturados, vulneráveis a lixiviação de nutrientes e acidificação (SILVA et al., 2019; OLIVEIRA et al., 2017) e redução dos estoques de carbono (BONINI et al., 2018).

Superar esse ciclo de desmatamento e degradação dos ecossistemas amazônicos é um desafio contemporâneo mundial, que exige pôr em prática usos e manejos do solo que levem em consideração as relações ecológicas e seus efeitos sobre a produção vegetal (VENDRAMINI, 2019; LANGE et al., 2019).

Esse contexto de desequilíbrio ecológico abriu espaço para expansão geográfica da dominância da palmeira Babaçu (*Attalea speciosa* Mart), uma planta nativa naturalmente encontrada nas áreas de transição entre Cerrado e Amazônia, que se revelou uma palmeira de habito ruderal, ocupando amplamente os nichos abertos em áreas degradadas, frequentemente queimadas no arco do desmatamento da Amazônia, formando extensos “babaçuais” adensados onde anteriormente coexistiam, inseridos na floresta tropical pluvial densa (BARRETO et al., 2019; GEHRING et al., 2020).

Nas últimas décadas modelos de uso dos solos tropicais, classificados como sistemas agrossilvipastoris, foram disseminados como agroecossistemas mais sustentáveis por serem mais diversificados por unidade de área, incluindo componentes arbóreos, forrageiros, agrícolas e animal (JOSE et al., 2019; MONTES et al., 2021) com objetivo de alcançar melhores níveis de produtividade através de um manejo ecológico dos recursos naturais, em especial da fertilidade do solo (SANTOS et al., 2018; ALVES et al., 2017).

Segundo Jose et al., (2019), sistemas silvipastoris são viáveis através de mecanismos ecológicos de diversificação funcional e estrutural de nichos interespecíficos. São agroecossistemas que podem ser projetados para alcançar maior sustentabilidade e produtividade, com a otimização dos recursos (espaciais, temporários e físicos) através da maximização das interações positivas (facilitação) e minimizando a ações negativas (competição), e assim buscando a coexistência interespecífica, evitando exclusão competitiva postulada pela lei de Gause e (GLIESSMAN, 2001; CHESSON, 2000).

Dentre os agroecossistemas sustentaveis, no estado do Maranhão destaca-se o sistema silvipastoril composto por capim (*Urochloa brizantha* cv. Marandu), com diferentes densidades de palmeiras Babaçu (*A. speciosa*) aleatoriamente distribuídas no pasto (GAZOLLA, 2012). Apesar de ser um modelo de baixa diversidade, o consórcio desta palmeira com gramíneas atualmente é alvo de estudos sobre seus benefícios à preservação das propriedades do solo (SANTOS et al., 2018), manutenção dos estoques de carbono no solo (LUZ et al., 2020; RODRIGUES et al., 2015), manutenção de atividades extrativistas de coco babaçu (PORRO, 2019), produção pecuária mais sustentável (CARRERO, 2016) e fornecimento de serviços ecossistêmicos (NICODEMO, PRIMAVESI, 2019; RODRIGUES et al., 2015).

Dificilmente a palmeira babaçu é plantada, normalmente neste sistema os povoamentos naturais são raleados para manutenção da produção de coco e sombreamento aos animais (PORRO, 2005). Regionalmente a palmeira Babaçu tem grande importância socioeconômica, sendo fonte de renda de aproximadamente 13 mil famílias extrativistas apenas no estado do Maranhão (IBGE, 2017). Entretanto também é vista como "praga" por pecuaristas, que buscam ampliar suas pastagens, livre da competição com a palmeira (PORRO, 2005).

O capim Marandu (*U. brizantha*) é uma gramínea de origem tropical africana, que se destaca por ser bem adaptada às condições edafoclimáticas tropicais brasileiras, conciliando uma vigorosa produção de fitomassa verde, para alimentação animal em solos de baixa fertilidade e com baixa incidência de pragas e doenças (LIMA, 2015). Outras características desejáveis do capim Urochloa é atribuída a tolerância ao sombreamento, o que propicia melhores condições de sobrevivência e capacidade competitiva (GOMES et al., 2020).

Apesar da difusão deste sistema nas periferias leste e sul da Amazônia, pouco se sabe sobre as relações de competição e coexistência entre o babaçu e gramíneas exóticas. Uma das poucas pesquisas foi realizada por May et al. (1985), apontando que a 'expansão de nichos' (abaixo do solo) é a principal estratégia ecológica para uma relação promissora no sistema silvipastoril entre babaçu com Urochloa corroborando com Isaac e Borden (2019) que a divisão de nichos radiculares por recursos é um dos principais mecanismos de promoção de uma relação interespecífica.

No entanto, estes mecanismos não são facilmente manejados, possui uma complexa dinâmica funcional, incluindo interações multitróficas (BARTOMEUS; GODOY, 2018), relações fenológicas (TANG et al., 2016) e plant-soil feedback(resposta) - PSF (LEKBERG et al., 2018), em relação ao uso dos recursos e as condições ambientais no tempo, requerendo uma análise agroecológica mais ampla (NICODEMO; PRIMAVESI, 2019).

Nesse sentido, para além da competição direta por recursos, se faz necessário investigar os efeitos deste consórcio sobre o solo. Plantas bem adaptada são conhecidas por impactar seus arredores atuando, por exemplo, sobre a fertilidade, ciclo do carbono e retenção de umidade (VAN DER PUTTEN et al., 2016). Luz et al., (2020) constataram maiores teores de potássio nos arredores da palmeira babaçu, oriundos do escoamento superficial do caule e folhas. Já o capim Urochloa realiza fixação biológica de nitrogênio - FBN via associações com *Azospirillum amazonense* e *A. brasiliense* (HANISCH et al., 2017).

Apesar dos portes contrastantes, o capim Urochloa e a palmeira babaçu têm relações especificas em comum, são consideradas plantas com características "ruderais", com sistema radicular denso, e elevada produção/reposição de raízes finas, exercendo papel estruturante ao solo e de reposição dos estoques de carbono (SILVA NETO et al., 2012; RAZUK, 2002).

A hipótese é que os mecanismos de coexistência e competição entre a palmeira babaçu e capim Marandu se manifestam na distribuição radicular no solo em diferentes medidas, de acordo com o nível de dominancia. Logo o nosso objetivo foi investigar uma possível partição de nichos espaciais entre as espécies, através da distribuição vertical e horizontal das raízes em graus contrastantes de dominância.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Relações Ecológicas: competição, coexistência e feedback planta-solo.

As interações interespecíficas entre plantas e destas com o solo são um campo de estudo importante de entendimento sobre os mecanismos ecológicos que determinam a diversidade, persistência, abundância, invasão, competição e a formação do solo (MACK et al., 2019).

As plantas se desenvolveram e evoluíram no ambiente natural, graças a seleção natural movida em grande parte pela competição em seus respectivos nichos, por luz, espaço, nutrientes no solo, portanto, a competição interespecífica é peça principal do funcionamento dos ecossistemas (SCHOFIELD et al., 2018). No entanto, quando abordamos a competição no solo, os sistemas radiculares das plantas interagem de muitas maneiras, que variam de competição severa até uma partição de nichos em busca de uma inter-relação harmônica entre si, assim, nem sempre a competição é negativa para o ecossistema como um todo, pois o uso total de nutrientes e água podem ser aumentados, e assim ambos são beneficiados (TSCHIRHART, 2002).

A exclusão competitiva, também conhecida como lei de Gause, propõe que entre espécies com nichos semelhantes, a competição por recursos limitantes impossibilita a coexistência. Tal teoria contribuiu decisivamente para muitas pesquisas em ecologia evolutiva, entendimento da estruturação das comunidades e regulação da diversidade (GLIESSMAN, 2001).

No entanto, as pesquisas ecológicas realizadas nas últimas décadas, principalmente a partir da teoria da coexistência de Chesson (2000), identificaram que nos ecossistemas naturais a resposta dominante sobre a competição, além da exclusão, consiste em auto regulações em direção à coexistência interespecífica, através de mecanismos de estabilização, onde espécies executam estratégias filogeneticamente constituídas, que agem na diminuição dos efeitos negativos da competição e beneficiam relações de facilitação, promovendo a diversidade por meio da diferenciação de nicho (ADLER et al., 2018).

Dessa forma, compreender os diversos mecanismos de competição e coexistência interespecíficos e os efeitos sobre a estrutura das comunidades é um desafio científico comptemporâneo (ADLER et al., 2018). O estudo desses mecanismos é pautado, como forma de ajudar a resolução de problemas contemporâneos de gestão, incluindo sistemas produtivos mais eficientes (THAKUR et al., 2021), manejo de espécies invasoras e previsão das consequências das mudanças climáticas nos ecossistemas (WOLKOVICH; CLELAND, 2014; VALLADARES et al., 2015).

Muitos são os mecanismos de coexistência, com diferentes respostas às disponibilidades de recursos e alterações espaço-tempo do ambiente (SCHOFIELD et al., 2018). Dybzinski e Tilman (2012) apontam que existe uma coexistência estável quando há “invasibilidade mútua” de espécies, ou seja, quando cada espécie tem a possibilidade de aumentar sua população quando rara, sobre outro nicho, se protegendo da extinção local e buscando retornar a um ponto de equilíbrio de abundancia.

No entanto, atualmente, existe uma compreensão crescente de que outras interações ecológicas também afetam diretamente a estruturação das comunidades, como: dinâmica temporal de recursos por adaptações fenológicas (SCHOFIELD et al., 2018); partição dos nutrientes por mediação microbiana, incluindo os fungos micorrízicos arbusculares (FMA) (VERESOGLOU et al., 2018); herbívoria; alelopatia entre outras interações multitróficas (BARTOMEUS, GODOY, 2018).

Silvertown (2004) aponta que a partição de nichos em plantas acontece em dois eixos: abaixo e acima do solo. No primeiro, a disputa por luz e melhores condições microclimáticas é equalizada por diferenças na estratificação e dimensões da parte aérea da vegetação. Abaixo do solo, a partição de nutrientes se verifica pelas segregações espaciais de profundidades, enraizamento e crescimento ao longo de gradientes hidrológicos.

As plantas podem alterar as propriedades abióticas e bióticas do solo a seu favor, este processo, conhecido como Positive Feedback Plant–Soil (PSF), estabelece que as plantas por meio de mecanismos como: exsudação, deposição de MOS, interações simbióticas, podem alterar os componentes bióticos e abióticos do solo a seu favor (CRAWFORD et al., 2019; VAN DER PUTTEN et al., 2016).

Nesse sentido, para além da competição interespecífica, Lekberg et al., (2018) apontam que os mecanismos de PSFs são forças que podem interagir nos gradientes de recursos, provavelmente fortalecendo as interações competitivas em ambientes de muitos recursos e aumentando as interações facilitadoras em ambientes de poucos recursos.

Somado a isso, as plantas em sistemas naturais ou agroecossistemas também experimentam interações complexas multitróficas e simultâneas no seu habitat, como interações simbióticas, mutualísticas, de doenças e herbívora, que atuam na distribuição das espécies e influenciam na coexistência entre os diferentes nichos (BARTOMEUS; GODOY, 2018; LI et al., 2020). Exemplos são associações endofíticas/rizosféricas com bactérias e fungos para ampliação da capacidade de absorção de nutrientes (VERESOGLOU et al., 2018), mineralização do carbono (WANG et al., 2016) e a diminuição de biodiversidade vegetal ao seu redor, por ação alelopática (MARTINS et al., 2006)

A compreensão desses mecanismos pode melhorar nossa capacidade de manejar agroecossistemas diversificados, permitindo o planejamento ecoeficiente da composição das comunidades de plantas, bem como facilitar os mecanismos de restauração ecológica.

2.2. Sistemas Silvipastoris

A população mundial continua a crescer, e com ela as pressões sobre os recursos naturais se aproximam dos limites físicos dos ecossistemas (GLIESSMAN, 2001). Nesse contexto, Groppo et al., (2015) apontam que o desenvolvimento rural passa pelo desenvolvimento de sistemas produtivos de uso do solo mais sustentáveis, adaptados às condições nas vastas áreas florestais já alteradas nos últimos 30 anos.

Os sistemas silvipastoris vêm despontando como uma alternativa viável para reverter esse quadro de crise socioambiental em grandes partes dos trópicos úmidos do mundo (DOMICIANO et al., 2020). É uma modalidade de sistemas de cultivo biodiversos que consistem em consorciar pastagens, animais, árvores e outras plantas forrageiras (JOSE et al., 2019). Sua constituição pode se dar pela inserção das pastagens dentro de povoamento arbores cultivados e/ou naturais raleados, ou pela inclusão de povoamentos florestais em áreas de pastagens já consolidadas, definindo precisamente os arranjos espaciais e espaçamentos (CARRERO, 2016; GAZOLLA, 2012). São agroecossistemas que podem ser projetados para alcançar maior sustentabilidade e produtividade, através da otimização dos recursos (espaciais, temporários e físicos), maximização das interações positivas (facilitação) e minimizando as negativas (competição) (JOSE et al., 2019).

A estratégia do sistema consiste em intensificar a produção por meio da diversificação de cultivos na mesma área, uso mais eficiente dos recursos naturais locais, assim como usufruir dos benefícios oriundos da mitigação dos desequilíbrios ecológicos dos agroecossistemas degradados (JOSE; DOLLINGER, 2019).

A integração de gramíneas e árvores promove modificações favoráveis nas características edáficas quando comparado com sistemas tradicionais monoespecíficos, os principais benefícios derivam da maior deposição de MOS; estruturação do solo, contenção de erosão e translocação de nutrientes e água das camadas inferiores para camadas mais próximas à superfície, favorecendo o desenvolvimento das forrageiras (ALVES et al., 2017).

Os sistemas silvipastoris também beneficiam a produção animal com a diversificação da dieta dos bovinos, que ao contrário do que a maioria dos produtores especifica, possuem uma dieta flexível, onde se pode incluir diversa forragens e frutos de árvores como o Ingá (*Inga edulis*), palmeira macaúba (*Acrocomia sp.*), gliricidia (*Gliricidia sepium*) entre outras (CARRERO, 2016). Ademais a conservação de povoamentos arboreos traz conectividade para a paisagem amazônica, com benefícios diretos a estabilidade dos ciclos hídricos, ciclagem de nutrientes, biodiversidade e controle natural de pragas (MELOTTO et al., 2019). Neste sentido, o uso de sistemas silvipastoris pode ser uma alternativa para recuperação de pastagens degradadas, pois contribuem com a conservação das propriedades do solo e diminui o estresse climático sobre os animais, que consequentemente vão consumir uma forragem mais nutritiva com melhor desempenho no ganho de peso e produção de leite (RAMOS, 2014).

O desenvolvimento de sistemas agropecuários menos impactantes vem se ampliando quanto ao uso de estratégias de conservação do potencial produtivo do solo (ALVES et al., 2017; MELADO, 2007), se somando a uma nova abordagem tecnológica, que vem se popularizando como “intensificação ecológica”, onde objetiva-se aplicar fundamentos ecológicos para produzir mais alimentos, na mesma área, com menor impacto possível (BARROS et al., 2011). É uma quebra de paradigma, que tem como desafio, popularizar fundamentos ecológicos que permitam transformar os agricultores em gestores tanto da produção quanto dos ecossistemas.

No estado do Maranhão a introdução de capim (*Urochloa brizantha cv. Marandu*) em babaçuais (*Attalea spp.*) raleados, compõem um modelo popular de sistemas silvipastoris natural, onde a palmeira babaçu entra como o componente arbóreo remanescente da vegetação original (GAZOLLA, 2012).

ARAÚJO et al., (2017) em trabalho sobre a dinâmica do pastejo bovino na amazônica maranhense, concluiu que em sistemas silvipastoris compostos por palmeiras de babaçu (*A. speciosa*) e capim Braquiária (*U. brizantha cv. Marandu*) proporciona um ambiente estrutural mais favorável aos animais pastejarem, em uma distribuição mais homogênea dos animais, em comparação com monocultivo de capim Braquiária, diminuindo a incidência de áreas com sobre pastejo e beneficiando a restituição da fertilidade do solo, pela melhor distribuição de fezes nas áreas.

De acordo com Rodrigues et al. (2015), em sistemas silvipastoris de babaçu (*A. speciosa*) e capim Braquiária (*U. brizantha cv. Marandu*), existe uma relação biomassa microbiana: carbono orgânico no solo, e atividade enzimática, significativa maior em comparação com a monocultura de capim Braquiária, e crescente com o aumento da densidade de babaçu no sistema, o que favorece a mineralização e ciclagem de nutrientes no solo, e, consequentemente a fertilidade.

2.3. Palmeira Babaçu

O Babaçu (*Attalea speciosa Mart*) é uma palmeira amplamente distribuída no norte do Brasil, alcançando Bolívia, Guiana e Suriname (LORENZI, 2010). No Brasil, ocorre densamente na zona ecotonal da “Mata de Cocais”, localizado na transição entre os Biomas Amazônia e Cerrado no estado do Maranhão. E também compõe paisagens nos estados do Piauí e, em menor escala, Tocantins, Ceará, Bahia; Rondônia; Acre; Goiás, Mato Grosso; Pará e sul de Minas Gerais (MAY et al., 1985; REIS et al., 2019; PORRO, 2019).

A palmeira babaçu ocorre inserida isoladamente na floresta tropical ou em maior densidade em área abertas fortemente degradadas, colonizando antigos nichos de formações florestais desmatadas, onde apresenta um habito de espécie pioneira e dominante (BARRETO et al., 2019). Segundo Ribeiro; Walter (1998) a presença do babaçu nos ecossistemas é associada significativamente às áreas antropizadas e sua relação etnobotânica com as populações humanas nas florestas. Desta forma, a palmeira babaçu foi integrada aos agroecossistemas, em especial no estado do Maranhão, porém sem necessariamente ter sido feito seu plantio (PORRO, 2005). O que lhe atribui a classificação como planta de habito ruderal (GEHRING et al., 2020).

O sucesso ecológico desta planta decorre da ligação de três fatores: (i) o extrativismo faz uma seleção das palmeiras mais produtivas no desmatamento das florestas; (ii) adaptações reprodutivas ao fogo: a ação termina funcionando como mecanismo de quebra de dormência das sementes e geotropismo negativo do meristema terminal nas plantas juvenis, protegido a 0,5 – 1,0 m de profundidade contra o fogo; e (iii) comportamento de planta ruderal com forte capacidade competitiva em solos inférteis (REIS et al, 2019; PORRO, 2019; GOUVEIA et al., 2017).

A sua proliferação, livre de um plano de manejo, dificulta a restauração natural das florestas e consequentemente a biodiversidade característica do bioma amazônico (SOUSA et al., 2016). Segundo Santos et al., (2015), babaçuais podem chegar a densidade de até 2.000 plantas por hectare, representando uma larga produção quando investida de um sistema de manejo e controle adequados para o seu crescimento e produção.

O fruto é do tipo drupa oblonga, com epicarpo fibroso, mesocarpo rico em amido e endocarpo lignificado, constituindo um envoltório bastante resistente que guarda amêndoas ricas em lipídios. Seu uso popular é para produção de farinhas, azeites/óleos e carvão vegetal (PORRO, 2019; GOUVEIA et al., 2017). É o quinto produto florestal não madeireiro mais explorado no Brasil, gerando em torno de 146 milhões de reais em rendimentos em 2011 (NASCIMENTO et al., 2014). Seu estipe é utilizado em construções rurais e também é fonte de palmito e adubo e suas folhas em coberturas, artesanatos e cercas (PORRO, 2019; NASCIMENTO et al., 2014). Estima-se que a sua exploração econômica beneficia direta e aproximadamente 13 mil famílias quebradeiras/os de coco (IBGE, 2017). Em decorrência de sua importância socioeconômica, a palmeira Babaçu foi protegida por lei (Lei nº 4734 de 18 de junho de 1986), tendo sua supressão regulada em favor da manutenção do potencial produtivo (ARAUJO et al., 2014). No entanto, a determinação de sua densidade por hectare, ainda provocando conflitos entre extrativistas e pecuaristas e carece de embasamento científico (REIS et al., 2019).

A palmeira Babaçu é uma planta monocotiledônea, com altura média de 20 m, que leva até 20 anos para chegar à fase adulta. Possui caule tipo estipe, copa em forma de pirâmide invertida, composta por folhas tenras, ricas em material ligno lenhoso, entre sete e 22 por planta, com 4 a 8m de comprimento e enorme capacidade regenerativa, durante toda a vida da planta. A implantação das folhas aproxima-se de 45° no caule, possibilitando a incidências de luz direta e difusa no solo, permitindo consorciação agrícola e com pastagens (LORENZI, 2010; REIS et al., 2019; MAY et al., 1985).

O sistema radicular é do tipo fasciculado, próprio das Arecaceae, com um bulbo radicular emitido pelo caule, composto por raízes primárias (grossas) com diâmetro de 8 a 10 mm, ricas em lignina, das quais derivam as raízes secundárias (médias) e destas as raízes terciárias (radicelas finas), com 1 a 3 mm (CORREA et al., 2020; SOUSA et al., 2016).

Para a palmeira Babaçu as raízes grossas tem sua máxima biomassa localizada nas profundidades de 70 a 80 cm de profundidade, exercendo principalmente a função de sustentação física da planta e estocagem de carboidratos e fitatos, responsáveis pelas rebrotas vigorosas após o corte e queima; já as raízes finas corresponderam a 40,3% da biomassa radicular, distribuídas de forma regular em todo o perfil do solo, sendo as principais responsáveis pela absorção de nutrientes e água para manutenção da planta (SOUSA et al., 2016).

Poucos estudos até agora se dedicaram a explorar as relações ecológicas do Babaçu abaixo do solo, exceto sobre os impactos da palmeira babaçu na biomassa microbiana do solo (RODRIGUES et al., 2015; GEHRING et al., 2020), biomassa radicular e sua contribuição aos estoques de carbono do solo (SOUSA et al., 2016), as influências do escoamento superficial da água da chuva sobre o caule e folhas, nos nutrientes minerais sedimentados no solo (GERMER et al., 2012); relações simbióticas com FMA (NOBRE et al., 2018); composição e dinâmica de mineralização da MOS depositada sobre o solo (LUZ et al., 2020).

2.4. Capim Marandu *(Urochloa brizantha* (HOCHST & A.RICH) STAPF *cv. 'marandu')*

A *U.brizantha* (HOCHST & A.RICH) STAPF *cv. 'marandu'* é uma gramínea forrageira de origem africana, mais precisamente em Zimbabue, lançada em 1983 pela Embrapa Gado de Corte e Embrapa Cerrados, tornando-se largamente utilizada nas pastagens no Brasil também conhecida como braquiária (DIAS-FILHO, 2014; NUNES et al., 1984). Segundo Euclides et al. (2010) estima-se que existam cerca de 100 milhões de hectares de pastagens no Brasil, cultivadas principalmente com *Urochloa* spp, dos quais aproximadamente 45% correspondem a pastagens de *Urochloa brizantha cv.* Marandu.Tornando-se atualmente um dos capins mais difundidos na pecuária extensiva da Amazônia brasileira (ARAUJO et al., 2017).

Seu sucesso advém das suas características de boa adaptabilidade às condições edafoclimáticas da região tropical, uma vigorosa produção de fito massa em solos de baixa fertilidade, e não ser atrativa as principais doenças e pragas das culturas forrageiras, por exemplo, da cigarrinha das pastagens (*Deois flavopicta).* E por sua boa palatabilidade tanto para bovinos, como equinos, ovinos e caprinos, com boa rebrota ao pastejo (COSTA et al., 2006; LIMA, 2015; NUNES et al., 1984). É considerada uma planta com habito dominante de sistema radicular denso, mais amplamente distribuído nas camadas superficiais do solo (0-20), exercendo papel estruturante e de estabilização de agregados no solo, pela elevada deposição de MOS, pela constante renovação das raízes finas, assim como emissão de exsudados ricos em carbono, que ativam as relações simbióticas com microrganismos (HANISCH et al., 2017; NUNES et al., 1984).

A cultivar *Urochloa brizantha cv.* Marandu foi relatada com uma maior produção e distribuição de biomassa radicular, nos perfis (0-10/10-20/20-40 cm) tanto em níveis de baixa como de alta fertilidade, em um solo Latossolo Vermelho distrófico, quando comparada a outras quatro variedades também populares no Brasil (*Brachiaria brizantha* cv. Basilis*; Panicum Maximus* cv. Tanzânia *e* cv. Tobiatã *e Andropogon gayanus* cv. Baeti). Rodrigues et al., (2015) também evidencia um potencial de restabelecimento dos estoques de carbono do solo, para o capim marandu.

Apesar de difundido em sistemas silvipastoris com palmeira babaçu, pouco se sabe sobre o seu comportamento nesta relação, Andrade et al. (2004) recomendam o uso do capim Urochloa em sistemas silvipastoris em áreas drenadas na Amazônia Ocidental, com bases em respostas positivas ao sombreamento, mantendo taxas satisfatórias de produção de matéria seca até um sombreamento de 30%, com tolerância até 50%.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, P. B.; SULL,D.; BEARD, K. H.; CHOI, R. T.; FURNISS, T.; KULMATISKI. A.; MEINERS, J. M.; TREDENNICK, A. T e VEBLEN, K. E. Competition and coexistence in plant communities: intraspecific competition is stronger than interspecific competition. **Ecology letters**, v. 21, n. 9, p. 1319-1329, 2018.

ALVES, B.; MADARI, B.; BODDEY, R. Integrated crop–livestock–forestry systems: prospects for a sustainable agricultural intensification. **Nutrient Cycling in Agroecosystems**, v. 108, n. 1, p. 1–4, 2017.

ANDRADE, C. M. S.; VALENTIM, J. F.; CARNEIRO, J. C.; VAZ, F. A. Crescimento de gramíneas e leguminosas forrageiras tropicais sob sombreamento. **Pesquisa Agropecuária Brasileira,** Brasília, v. 39, n. 3, p. 263-270, 2004.

ARAÚJO, J.; Miguel, E.; DMITRUK, E. J.; MOURA, J. C. C. A Lei do Babaçu Livre: uma estratégia para a regulamentação e a proteção da atividade das quebradeiras de coco no Estado do Maranhão. **Sequência (Florianópolis)**, p. 129-157, 2014.

ARAÚJO, R. A. D.; RODRIGUES, R. C.; COSTA, C. D. S.; SANTOS, F. N. D. S.; CUTRIM, J. A. A.; JESUS, A. P. R. D.; ARAÚJO, J. D. S. Grazing behavior and spatial distribution of feces of Young bulls in silvopastoril systems and Marandu monoculture in the Pre-Amazon region. **Acta Scientiarum. Animal Sciences**, v. 39, n. 1, p. 83-90, 2017.

BARRETO, H. N.; PARISE, C. K.A.; BEZERA, E. The Cocais Forest Landscape. In: **The Physical Geography of Brazil**. Springer, Cham, p. 151-167, 2019.

BARROS, I.; MARTINS, C. R.; CINTRA, F. L. Da. Intensificação ecológica da agricultura: uma opção para a preservação ambiental com lucratividade. **Embrapa Tabuleiros Costeiros-Artigo de divulgação na mídia (INFOTECA-EMBRAPA)**, Aracaju-SE, Out. 2011. Disponível em: www.agrosoft.org.br/agropag/221260.htm Acessado em: 15 de junho de 2020.

BARTOMEUS, I. E.; GODOY, O. Biotic controls of plant coexistence**. Journal of Ecology**, v.106, p.1767–1772, 2018.

CARRERO, G. C. Sistemas silvipastoris com pastejo rotacional: alternativas sustentáveis para a produção pecuária na Amazônia. **Gestão e Governança Local para a Amazônia Sustentável**; notas técnicas; PQGA/IBAM: Belém, Brasil, p. 79-91, 2016

CHESSON, P. General theory of competitive coexistence in spatially-varying environments. **Theoretical population biology**, v. 58, n. 3, p. 211-237, 2000.

COSTA, N. D. L.; TOWNSEND, C. R.; MAGALHÃES, J. A.; DE A PEREIRA, R. G.; AZEVEDO, D. M. M. R. Comportamento forrageiro da Brachiaria brizantha cv. Marandu em sistema silvipastoril na Amazônia Brasileira. **Pasturas Tropicales**, v. 28, n. 3, p. 22-26, 2006.

CORREA, M. M; ARAÚJO, M. G.P; MENDONÇA, M. S. Anatomical and histochemical comparison of the primary and adventitious roots of Attalea microcarpa (Arecaceae) at the initial growth stage. **Acta Amazonica**, v. 49, p. 311-315, 2019.

CRAWFORD, K. M.; BAUER, J. T.; COMITA, L. S.; EPPINGA, M. B.; JOHNSON, D. J.; MANGAN, S. A.; BEVER, J. D. When and where plant-soil feedback may promote plant coexistence: a meta-analysis. **Ecology Letters**, v. 22, n. 8, p. 1274-1284, 2019.

DIAS-FILHO, M. B. **Diagnóstico das pastagens no Brasil**. Embrapa Amazônia Oriental-Documentos (INFOTECA-E), 2014.

DOMICIANO, L. F.; PEDREIRA, B. C.; DA SILVA, N. M.; MOMBACH, M. A.; CHIZZOTTI, F. H.; BATISTA, E. D.; NASCIMENTO, H. L. Agroforestry systems: an alternative to intensify forage-based livestock in the Brazilian Amazon. **Agroforestry Systems**, v. 94, n. 5, 2020.

DYBZINSKI. R.; TILMAN. D. Competition and Coexistence in Plant Communities. In:II.5 The Princeton guide to ecology. Princeton University Press, 2012.

EUCLIDES, V. P. B.; DO VALLE, C. B.; MACEDO, M. C. M.; ALMEIDA, R. G. D.; MONTAGNER, D. B.; BARBOSA, R. A. Brazilian scientific progress in pasture research during the first decade of XXI century. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v. 39, p. 151-168, 2010.

FEARNSIDE, P. Deforestation of the Brazilian Amazon. **In: Oxford research encyclopedia of environmental science**. 2017.

GAZOLLA, A. G. **Capim-Marandu e babaçu em sistema silvipastoril**. Tese de Doutorado. UNESP, 2012.

GEHRING, C.; ZELARAYÁN, M. C.; LUZ, R. L.; ALMEIDA, R. B.; BODDEY, R. M.; LEITE, M. F. A. Babassu palm (Attalea speciosa Mart.) super-dominance shapes its surroundings via multiple biotic, soil chemical, and physical interactions and accumulates soil carbon: a case study in eastern Amazonia. **Plant and Soil**, v. 454, n. 1, p. 447-460, 2020.

GERMER, S.; ZIMMERMANN, A.; NEILL, C.; KRUSCHE, A.V.;ELSENBEER, H. Disproportionate single-species contribution to canopy-soil nutrient flux in an Amazonian rainforest. **Forest Ecology and Management**, v. 267, p. 40-49, 2012.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.

GOMES, F. J.; PEDREIRA, B. C.; SANTOS, P. M.; BOSI, C.; LULU, J.; PEDREIRA, C. G. Microclimate effects on canopy characteristics of shaded palisadegrass pastures in a silvopastoral system in the Amazon biome of central Brazil. **European Journal of Agronomy**, v. 115, p. 126029, 2020.

GOUVEIA, V. M.; MATRICARDI, E. A. T; ANGELO, H. **Dinâmica espaço-temporal da produção de amêndoas de babaçu e da utilização das terras no Maranhão**. Embrapa Cocais-Documentos (INFOTECA-E), 2017.

GROPPO, J. D.; LINS, S. R. M.; CAMARGO, P. B. D.; ASSAD, E. D.; PINTO, H. S.; MARTINS, S. C.; MARTINELLI, L. A. Changes in soil carbon, nitrogen, and phosphorus due to land-use changes in Brazil. **Biogeosciences**, v. 12, n. 15, p. 4765-4780, 2015.

HANISCH, A. L.; BALBINOT JÚNIOR, A. A.; VOGT, G. A. Desempenho produtivo de Urochloa brizantha cv. Marandu em função da inoculação com Azospirillum e doses de nitrogênio. **Embrapa Soja-Artigo em periódico indexado (ALICE)**, 2017.

IBGE, 2017. **Número de estabelecimentos agropecuário com produtos da extração vegetal (Babaçu – Coco e Amêndoa) UF- Maranhão**. Acessado em 19 de setembro d 2021, disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6949#resultado

ISAAC, M.; BORDEN, K. A. Nutrient acquisition strategies in agroforestry systems. **Plant and Soil**, v. 444, n. 1, p. 1-19, 2019.

JOSE, S.; DOLLINGER, J. Silvopasture: a sustainable livestock production system. **Agroforestry systems**, v. 93, n. 1, p. 1-9, 2019.

JOSE, S.; WALTER, D.; KUMAR, B. MOHAN. Ecological considerations in sustainable silvopasture design and management. **Agroforestry Systems**, v. 93, n. 1, p. 317-331, 2019.

LANGE, A.; DANTAS, J.; SILVA FREDDI, O.; BURATTO, W.; SPAZIANI, C.; CAIONE, G. Degradação do solo e pecuária extensiva no norte de Mato Grosso. **Nativa**, Sinop, v. 7, n. 6, p. 642-648, nov./dez. 2019.

LEKBERG, Y.; BEVER, J. D.; BUNN, R. A.; CALLAWAY, R. M.; HART, M. M.; KIVLIN, S. N.; KLIRONOMOS, O.; LARKIN, B. G.; MARON, J. L.; REINHART, K. O.; REMKE, M.; VAN DER PUTTEN, W. H. Relative importance of competition and plant–soil feedback, their synergy, context dependency and implications for coexistence. **Ecology Letters**, v. 21, n. 8, p. 1268-1281, 2018.

LI, J.; XIE, S.; WILSON, G. W.; COBB, A. B.; TANG, S.; GUO, L.; WANG. K.; DENG, B. Plant–microbial interactions facilitate grassland species coexistence at the community level. **Oikos**, v. 129, n. 4, p. 533-543, 2020.

LIMA, A. J. T. **Características agronômicas, morfogênicas, estruturais e demográficas do capim-Marandu em sistemas silvipastoris e monocultura na região PréAmazônica.** Dissertação (Mestrado em Ciência Animal). UFMA, Chapadinha-MA. 82f. 2015.

LORENZI, H. **Flora Brasileira: Arecaceae (palmeiras).** 1º ed. Nova Odessa, SP. Instituto Plantarum, 2010, 376p.

LUZ, R. L.,LEITE, M. F. A., ZELARAYÁN, M. C.,BODDEY, R. M., GEHRING, C. Litter decomposition and nutrient release dynamics of leaves and roots of the Babassu palm in eastern Amazonia. **Acta Amazonica**, v. 50, p. 213-222, 2020.

MACK, K. M. L.; EPPINGA, M. B.; BEVER, J. D. Plant-soil feedbacks promote coexistence and resilience in multi-species communities. **Plos one**, v. 14, n. 2, p. e0211572, 2019.

MARTINS, D.; MARTINS, C. C.; COSTA, N. V. Allelopathic potential of solutions of soils cultivated with Brachiaria brizantha: effects on some pasture grass and weeds seeds. **Planta Daninha**, v. 24, n. 1, p. 61-70, 2006.

MAY, P. H.; ANDERSON, A. B.; FRAZÃO, J. M. F.; BALICK, M. J. Babassu palm in the agroforestry systems in Brazil's Mid-North region**. Agrof Syst** v. 3, p. 275-295, 1985.

MELADO, J. Pastagem Ecológica e serviços ambientais da pecuária sustentável. **Revista de Política Agrícola**, v. 16, n. 3, p. 113-118, 2007.

MELOTTO, A. M.; LAURA, V. A.; BUNGENSTAB, D. J.; FERREIRA, A. D. **Espécies florestais em sistemas de produção em integração**. Embrapa Gado de Corte-Capítulo em livro científico (ALICE**)**, 2019.

MONTES, A. O.; LLANOS-CABRERA, M. P.; CHERUBIN, M. R.; HERRERA-VALENCIA, W.; ORTIZ-MOREA, F. A.; SILVA-OLAYA, A. M. Restoring soil carbon and chemical properties through silvopastoral adoption in the Colombian Amazon region. **Land Degradation & Development**, v. 32, n. 13, p. 3720-3730, 2021.

NASCIMENTO, M. D. D. S. B.; LEITÃO, V. M. S.; SILVA, M. A. C. N. D.; MACIEL, L. B.; MUNIZ, W. E.; VIANA, G. M. D. C.; BEZERRA, G. F. D. B. Eco-epidemiologic study of emerging fungi related to the work of babaçu coconut breakers in the State of Maranhão, Brazil. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 47, n. 1, p. 74-78, 2014

NICODEMO, M.L.F.; PRIMAVESI, O. Serviços ambientais em sistemas silvipastoris. **Embrapa Pecuária Sudeste-Capítulo em livro científico (ALICE),** 2019.

NOBRE, C. P.; COSTA, M. G. D.; GOTO, B. T.; GEHRING, C. Arbuscular mycorrhizal fungi associated with the Babassu palm (*Attalea speciosa*) in the eastern periphery of Amazonia, Brazil. **Acta Amazonica**, v. 48, p. 321-329, 2018.

NUNES, S. G.; BOOCK, A.; PENTEADO, M. D. O.; GOMES, D. T. **Brachiaria brizantha cv. Marandu.** Embrapa Gado de Corte-Documentos (INFOTECA-E), 1984

OLIVEIRA, A. N.; DE OLIVEIRA, A. N.; DA SILVA, K. R.; DA SILVA, L. J. D. A. MELLO, A. H. Atributos químicos de solo sob diferentes sistemas de uso e manejo no projeto de assentamento veneza-São Domingos do Araguaia, PA. **Revista Agroecossistemas**, v. 9, n. 1, p. 170-179, 2017.

PORRO, R. A economia invisível do babaçu e sua importância para meios de vida em comunidades agroextrativistas. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum**, p. 169-188, 2019.

PORRO, R. Palms, pastures, and swidden fields: the grounded political ecology of “agro-extractive/shifting-cultivator peasants” in Maranhão, Brazil. **Human ecology**, v. 33, n. 1, p. 17-56, 2005.

RAMOS, L. M. Estudo de variáveis ecofisiológicas de Brachiariadecumbens em diferentes sistemas de manejo de pecuária. Tese de Doutorado. UEMA, 2014.

RAZUK, R. B. Avaliação do sistema radicular de acessos de Brachiaria brizantha e suas relações com atributos químicos e físicos do solo. Tese de Doutorado. UFMT, 2002.

REIS et al. Dinâmica populacional de babaçu (Attalea speciosa Mart. ex. Spreng.) em pastagens na Amazônia Oriental. Tese de Doutorado. UFRA/Campus Belém, 2019.

RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. T. Fitofisionomias do bioma Cerrado. Cerrado: ambiente e flora. Planaltina: **Embrapa Cerrados-Capítulo em livro científico (ALICE**), 1998, p. 87-166

RODRIGUES, R. C.; ARAÚJO, R. A.; COSTA, C. S.; LIMA, A. J.; OLIVEIRA, M. E.; CUTRIM JR, J. A.; FRANCISCO NS SANTOS, F. N. S.; JOCÉLIO S. A.; VILMA, M. S. E.; ARAÚJO, A. S. Soil microbial biomass in an agroforestry system of Northeast Brazil. **Tropical Grasslands-Forrajes Tropicales**, v. 3, n. 1, p. 41-48, 2015.

ROMEIRO, A. R. Meio ambiente e produção agropecuária na Amazônia. **Revista de Economia e Sociologia Rural,** v. 37, n. 1, p. 9-34, 2019.

SANTOS, A. M. S.; GHOSH, A.; NETO, B. C. V.; FERREIRA, O. P. Carbonização de biomassa de babaçu e suas potenciais aplicações: uma prospecção tecnológica. **R GEINTEC-Gestão, Inovação e Tecnologias**, v. 5, n. 4, p. 2619-2631, 2015.

SANTOS, P. M.; SANTOS, A. C.; NETO, D. N. N.; OLIVEIRA, W. H.; SOUSA, L. F. E OLIVEIRA, L. B. T Implementation of Silvipastoral Systems under Nutrient Cycling in Secondary Vegetation in the Amazon. **Journal of Agricultural Science,** v. 10, n. 4, 2018.

SCHOFIELD, E. J.; ROWNTREE, J. K.; PATERSON, E.; BROOKER, R. W. Temporal dynamism of resource capture: a missing factor in ecology?. **Trends in ecology & evolution**, v. 33, n. 4, p. 277-286, 2018.

SILVA NETO, S. P.; SANTOS, A. C.; LIMA LEITE, R. L.; DIM, V. P.; NEVES NETO, D. N.; SILVA, J. E. C. Variação espacial do teor de matéria orgânica do solo e produção de gramínea em pastagens de capim-marandu. **Bioscience Journal**, v. 28, n. 1, 2012.

SILVA, E. C. D.; PEREIRA, M. G.; FRADE, E. F.; SILVA, S. B. D.; CARVALHO, J. A. D.; SANTOS, J. C. D. Temporal evaluation of soil chemical attributes after slash-and-burn agriculture in the Western Brazilian Amazon. **Acta Scientiarum. Agronomy**, v. 41, 2019.

SILVERTOWN, J. Plant coexistence and the niche. **Trends in Ecology & evolution**, v. 19, n. 11, p. 605-611, 2004.

SOUSA, J. T. R; MORAES, F. H. R; GEHRING, C. Root biomass in a shifting cultivation system in the eastern periphery of Amazonia, and contribution of the Babassu palm. **Agroforestry systems**, v. 90, n. 2, p. 351-360, 2016.

TANG, J.; KÖRNER, C.; MURAOKA, H.; PIAO, S.; SHEN, M.; THACKERAY, S. J.; YANG, X. Special feature: international LTER emerging opportunities and challenges in phenology: a review. E**cosphere**, v. 7, n. 8, p. 1-17, e01436, 2016.

THAKUR, M. P.; VAN DER PUTTEN, W. H.; WILSCHUT, R. A.; VEEN, G. C.; KARDOL, P.; VAN RUIJVEN, J.; ALLAN. E. ; KLEUNEN. M.; BEZEMER, T. M. Plant–Soil Feedbacks and Temporal Dynamics of Plant Diversity–Productivity Relationships. **Trends in ecology & evolution**, 2021.

TSCHIRHART, J. Resource competition among plants: from maximizing individuals to community structure. **Ecological Modelling**, v. 148, n. 2, p. 191-212, 2002.

VALLADARES, F.; BASTIAS, C. C.; GODOY. O.; GRANDA, E.; ESCUDERO, A. VAN DER PUTTEN, W. H.; BRADFORD, M. A.; PERNILLA BRINKMAN, E.; VAN DE VOORDE, T. F.; VEEN, G. F. Where, when and how plant–soil feedback matters in a changing world. **Functional Ecology**, v. 30, n. 7, p. 1109-1121, 2016.

VENDRAMINI, T. Um novo olhar para a pecuária brasileira. **AgroANALYSIS**, v. 39, n. 5, p. 47, 2019.

VERESOGLOU, S. D.; RILLIG, M. C.; JOHNSON, D. Responsiveness of plants to mycorrhiza regulates coexistence. **Journal of Ecology**, v. 106, n. 5, p. 1864-1875, 2018.

VILLA, P. M.; MARTINS, S. V.; NETO, S. N. O.; RODRIGUES, A. C.; MARTORANO, L. G.; MONSANTO, L. D.; CANCIO, N. M.; GASTAUER, M. Intensification of shifting cultivation reduces forest resilience in the northern Amazon. **Forest Ecology and Management,** v. 430, p. 312-320, 2018.

WANG, X.; TANG, C.; SEVERI, J.; BUTTERLY, C. R.; BALDOCK, J. A. Rhizosphere priming effect on soil organic carbon decomposition under plant species differing in soil acidification and root exudation. **New Phytologist**, v. 211, n. 3, p. 864-873, 2016.

WOLKOVICH, E. M.; CLELAND, E. E. Phenological niches and the future of invaded ecosystems with climate change**. Plantas AoB**, v.6, p1-16, 2014.

CAPITULO II

BELOWGROUND COMPETITION AND NICHE PARTITIONING BETWEEN THE BABASSU PALM AND UROCHLOA GRASS IN PASTURES OF THE EASTERN PERIPHERY OF AMAZONIA

Belowground Competition and niche partitioning between the Babassu palm and Urochloa grass in eastern Amazonia pastures

André Brenner de Alencar Pageú[1]; Odenilson de Deus Ribeiro Lima[1], Daniel Cutrim Diniz[1], Luciana Sousa da Silva[1], Maria Elisabeth Detert[2], Christoph Gehring[1*]

1) Post-Graduate Program in Agroecology, Maranhão State University, São Luis, Brazil
2) NGO ‘Education and Environment’ – EMA, Pirapemas, Brazil.
* corresponding and contact author: christophgehring@yahoo.com.br

Abstract

Much of deforested Amazonia is dominated by pastures planted with exotic *Urochloa* (syn *Brachiaria)* grass, containing interspersed the ruderal Babassu palm (*Attalea speciosa*). This two-species system offers the opportunity to investigate how two very competitive species interact. Research was conducted in the eastern periphery of Amazonia in three monospecific Urochloa pastures (*U.brizantha* cv. ‘marandu’) containing dispersed Babassu palm clusters. We mapped 0-50 cm root profiles of Babassu and Urochloa at three distances representing contrasting relative dominance: 'within clusters' (0.4-0.6 m from adult palm, Babassu-dominated); 'mid-distance' (at 2.5-6.0 m) and 'far' (at >8.0-10.0 m, Urochloa-dominated). Babassu coarse and mid-diameter roots concentrated within clusters at 20 – 50 cm depth, well protected against disturbance, but Babassu mid-diameter roots did extend up to 10 m from clusters, indicating active foraging at mid and long distances. Fine roots predominated root counts throughout all soil profiles, with 74.6% concentrated in the 0-20 cm topsoil. Fine-scale variability of fine roots was high, with high density hotspots of both species in the topsoil. Babassu fine root share was 48.1% within clusters, as opposed to 84.1% Urochloa fine root share far from clusters, and the metric distance from Babassu clusters was a significant predictor of root abundance in all diameter classes. Vertical fine root profiles of Babassu and Urochloa differed systematically, with 41.9% of all Urochloa fine roots concentrated within the first 0-10 cm, as opposed to deeper rooting Babassu (69.8% of all fine roots below 10 cm). Urochloa vertical root profile was unaffected by the degree of interspecific competitive confrontation and possibly limited by physical or chemical soil rootability constraints. By contrast, Babassu fine roots escaped competition from Urochloa by rooting significantly deeper in grass-dominated sampling points. Limitation of Urochloa fine roots to the topsoil reduces the ecological efficiency of pure Urochloa pastures. By contrast, deeper fine rooting and high plasticity under interspecific competitive confrontation are likely key components for Babassu´s outstanding ecological success in degraded pastures throughout Amazonia. In practical terms, our findings call for an optimized Babassu palm management and for the diversification of Amazonian pastures in order to increase their ecological efficiency and productivity.

Keywords: Attalea speciosa; Brachiaria; fine roots; coarse roots; dominance effects; signal grass; silvopasture; niche expansion; root competition; plasticity.

I. Introduction

Competition is at its maximum when occurring between ecologically similar species exploiting the same resources, and either causes the elimination of the competitively inferior species (law of Gause), or it results in a dynamic state of coexistence under high competition maintained by ‘mutual invasability’ (Dybinski and Tilman 2012). More stable species coexistence turns possible by the occupation of different niches / niche partitioning (Chesson 2009, Andrea et al. 2020). This reduces competition and maximizes resource exploitation, the basis of overyielding reported in many multi-species agroforestry systems (Isaac and Borden 2019). On the other hand, competitively very successful ‘invasive’ species are known to be able to monopolize resource exploitation via positive plant:soil feedbacks (Crawford et al. 2019). Depending on their plasticity, different species will or will not adapt their resource acquisition strategies in order to avoid competition by increasing niche segregation under heterospecific - as opposed to conspecific - competition (Adler et al. 2018). Belowground, strong competition between two similarly competitive species (but not under asymmetric competitive settings) can cause fine root aggregation and segregation as a strategy for the consolidation of foraging area under competitive pressure (Leipik et al. 2021). Unsustainable land-use intensification in human-transformed landscapes (frequent burns and short fallow periods) reduces overall biodiversity and increases the dominance of aggressive ruderal species (Jakovach et al. 2016, Villa et al. 2018). This study compares the case of the competitive confrontation between two ecologically very successful species, the native but ‘superdominant’ babassu palm (*Attalea speciosa* MART.) and the exotic and invasive pasture grass ‘Urochloa’ (*Urochloa brizantha* (HOCHST & A.RICH) STAPF cv. ‘marandu’).

An estimated 116 Mio hectares of Brazil have been converted to planted pastures, 85% of which planted with *Urochloa* species, next to palisade grass (*U.brizantha*) also signal grass (*U.decumbens*) and ruzigrass (*U.ruziziensis*). The 'Marandu' variety of palisade grass, released by Embrapa in 1984, still occupies most of these pastures (~50 Mio ha) and is considered the world's largest monoculture in terms of area (Low 2015). Exotic Urochloa is highly invasive into native Brazilian savannas, with strong suppression of both early and late-successional neighboring vegetation (Zangaro et al. 2016), likely due to strong phytotoxic or plant allelopathic effects (Kato-Noguchi et al. 2014).

The ruderal Babassu palm is omnipresent throughout the landscapes of deforested Amazonia, on an estimated 200.000 km^2 in Brazil alone (May et al. 1985). Although Babassu occurs in low abundance in mature rainforests, its dominance increases dramatically after repeated burns and reduced fallow periods both in the extensive pastures and in shifting cultivation fields and fallows, in some cases forming near monospecific stands (Anderson et al. 1991; Santos Filho et al. 2013). There are many reasons for the outstanding ecological success of the Babassu palm in such degraded lands, next to the (initial) selective sparing of productive adult palms for palm oil production (see below) its adaptation to frequent fires (fire-induced germination, well protected belowground meristem of stemless juvenile, vigorous resprouting capacity following slash&burn (Mitia and Ferraz 2001), as well as its adaptation to abiotically stressed degraded lands (Sampaio et al. 2012). Gehring et al. (2020) show the Babassu palm to simplify vegetation:litter:topsoil interactions in eastern Amazonian secondary regrowth, suggesting positive plant:soil feedback as a further pathway for the dominance-increase of this palm.

The sustainability (or lack thereof) of Urochloa pastures with differing portions of Babassu infestation is of great concern both from ecological and socioeconomic perspectives. This silvopastoral system combines frequently conflicting interests between the large-scale cattle ranchers and Babassu nut extractivists (mainly women), granted free access to these lands for palm oil extraction. Babassu is one of the world´s top-ranking non-cultivated species used for extractivism, with its palm oil and charcoal providing a vital income-source for an estimated 300,000 babassu extractivists in Maranhão state alone (Almeida et al. 2001). Stakeholder´s perceptions of both species also contrast markedly (Almeida et al. 2016), with cattle ranchers considering the Babassu palm an aggressive ‘pest’, difficult to control with (legal) herbicides, as pasture grass productivity declines with increasing palm densities (Rodrigues et al. 2016), whereas Babassu extractivists complain of Urochloa grass impeding Babassu germination, growth and development (Porro 2019), supposedly via allelopathic effects.

Though Babassu and Urochloa are from different growth forms and contrasting (aboveground) plant size, they also have many characteristics in common. Both species are known to invest heavily in their root systems, with – relative to aboveground biomass shares - disproportionately high Babassu root biomass shares in secondary forests (Sousa et al. 2015), and above-average investment of Urochloa species in their abundant fine / ‘graminoid’ root system (Huot et al. 2020). Both are also known to strongly associate with arbuscular mycorrhizal fungi, Glomerospore density increases and species composition changes with Babassu dominance (Nobre et al. 2018), and Urochloa grasses are likewise strongly mycorrhizal (Teutscherova et al. 2019) and due to their generalist mycorrhizal associations frequently used as ‘trap plants’ (Leal et al. 2009). Both Babassu (Gehring et al. 2012) and Urochloa grass (Kato-Noguchi et al. 2014) also exert allelopathic effects on other plants in their surroundings.

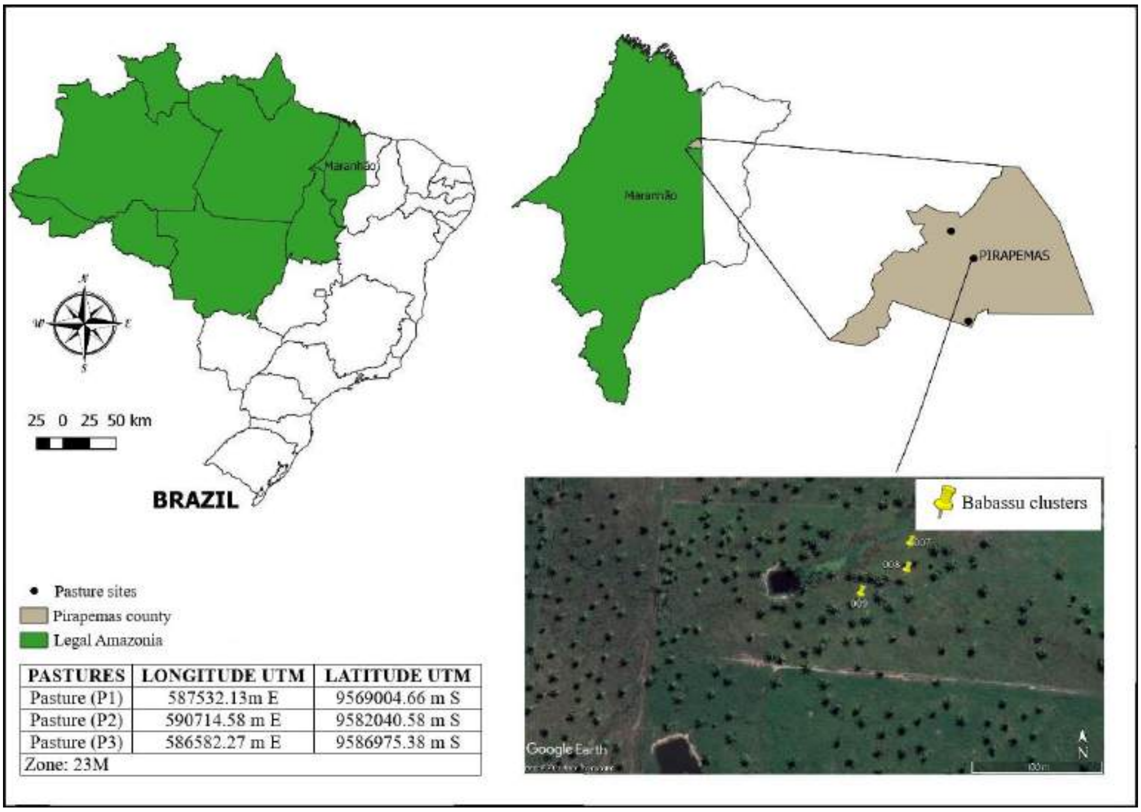
Babassu and Urochloa have in common an accumulation of soil organic matter in their surroundings, reported for Babassu by Gehring et al. (2020), and in Urochloa pastures by (Silva Neto et al. 2012, Santos et al. 2013). The pathways for such SOM-buildup, however, likely differ between the two, with high root exudation from the C4 grass Urochloa (Louw-Gaume et al. 2017), as opposed to high Babassu litter inputs with high C:N-ratios (Gehring et al. 2020) and slow litter decomposition (Luz et al. 2020).

This study investigates the direct confrontation between the two species in monospecific Urochloa pastures containing Babassu clusters in the eastern periphery of Amazonia. We capture the relative dominance of Babassu and Urochloa in a horizontal dominance gradient ranging from within the Babassu clusters (Babassu dominated) to far from any Babassu palm (Urochloa dominated), and vertical rooting profiles of Babassu and Urochloa in 0-50 cm root walls. We explore the degree of niche overlap vs. niche partitioning between these two ruderal species and hypothesize that interspecific competitive confrontation may increase niche partitioning as a strategy of competitive avoidance. We strive to advance both theoretical understanding of interspecific competition strategies, and provide a basis for a more ecoefficient management of degraded pastures of eastern Amazonia and beyond.

II. METHODS AND METHODS

II.1. Study region and experimental layout

Research was conducted in the eastern periphery of Amazonia (transition-zone to Cerrado savannas), in Pirapemas county, Maranhão State, Brazil (UTM 585905.12 m E; 9587870.75 m S., 40 m a.s.l.) (Figure 1).



PASTURES	LONGITUDE UTM	LATITUDE UTM
Pasture (P1)	587532.13m E	9569004.66 m S
Pasture (P2)	590714.58 m E	9582040.58 m S
Pasture (P3)	586582.27 m E	9586975.38 m S
Zone: 23M		

Figure 1. Location of the three pastures (P1-P3), gray area = Pirapemas county; Green area = Legal Amazonia, and exemplary map of one of the three sites with location of the three Babassu clusters

Climate according to the Köppen-classification is wet tropical (*Aw*), with an average 1580 mm precipitation concentrated in a 6-month rainy season (InMet 2021: 10 yr.-average of meteorological station at <100 km distance, precipitation in the 2019 study year: 1724 mm). Soils are classified Ultisols, plintic subgroup according to the US soil taxonomy (SANTOS et al., 2018). Are deeply-weathered, acid and nutrient-poor, with likely problems of strong P-fixation and possible Al-toxicity especially in the subsoil (Souza et al. 2018). Table 1 depicts average soil physical and chemical indicators of the three study sites.

Table 1. Topsoil physical and chemical indicators of the three study sites (means ±SE, total n=27 sampling points).

PHYSICAL AND CHEMICAL INDICATORS	0-10 cm	10-20 cm	METHOD
% Fine sand	50.21 (±1.08)	49.65 (±1.28)	wet sieving $^{1)}$
% Coarse sand	37.78 (±1.48)	38.40 (±1.69)	wet sieving$^{1)}$
% Silt	5.23 (±0.49)	5.13 (±0.36)	wet sieving$^{1)}$
% Clay	6.89 (±0.27)	6.89 (±0.25)	wet sieving$^{1)}$
Microporosity (m^3 m^{-3})	0.26 (±0.01)	0.24 (±0.01)	Suction table at 6 kPa$^{1)}$
Macroporosity (m^3 m^{-3})	0.14 (±0.01)	0.16 (±0.01)	Difference between total porosity (saturated water content) and microporosity$^{1)}$
bulk soil density (g cm^{-3})	1.64 (±0.03)	1.63 (±0.03)	Average of two 5cm depths per sample in root walls (see chap. II.2)
Particulate Organic C (POC) (g kg^{-1})	3.62 (±0.28)	4.51 (±0.36)	Granulometric fractionation $^{2)}$ and Walkley&Black digestion$^{3)}$
MOC (g kg^{-1})	8.85 (±0.60)	4.22 (±0.66)	Granulometric fractionation $^{2)}$
TOC (g/kg^{-1})	12.48 (±0.59)	8.73 (±0.57)	Walkley&Black digestion$^{3)}$
pH ($CaCl_2$)	4.12 (±0.04)	4.05 (±0.05)	

total N (%)	0.06 (±0.01)	0.05 (±0.01)	Kjeldåhl digestion1)
available P (mg kg^{-1})	4.31 (±0.38)	3.02 (±0.42)	Mehlich 1 extraction4)
K mg kg^{-1}	23.77 (±4.03)	15.18 (±2.75)	Mehlich 1 extraction4)
Ca (cmolc dm^{-3})	0.98 (±0.08)	0.55 (±0.04)	1M KCl-extraction5)
Mg (cmolc dm^{-3})	0.77 (±0.08)	0.41 (±0.06)	1M KCl-extraction5)
effective CEC (cmolc dm^{-3})	2.05 (±0.11)	1.36 (±0.09)	Exchangeable bases +Al^{3+}
total CEC (cmolc dm^{-3})	4.68 (±0.24)	3.58 (±0.23)	Exchangeable bases + potential acidity (H+Al) 1)
H+Al (cmolc dm^{-3})	2.78 (±0.19)	2.51 (±0.19)	Potential acidity via Ca-acetate extraction at pH 7 1)
Aluminum saturation (m%)	9.08 (±1.11)	24.51 (±3.20)	Portion of 1M-exctractable Al in relation to exchangeable bases+Al1)

1) Teixeira et al. 2017; 2) adapted from Cambardella & Elliott (1992); 3) Walkley&Black (1934); 4) Mehlich (1953); 5) Raij et al. (2001)

We selected three pastures located at 3 - 9 km distance from another (points P1, P2 and P3 in Figure 1). All three sites had been planted between 5 and 8 years ago with Urochloa palisade grass (*Urochloa brizantha* cv. 'marandu') containing clusters of an adult Babassu palm and surrounding juvenile (stemless) palms. We estimate average adult Babassu palm density of the three sites at ~25 ha^{-1}. All three pasture sites had been under extensive grazing (2-3 cattle ha^{-1}), but in a resting phase (no grazing) for more than four months prior to sampling, thus avoiding short-term artefacts caused by grazing. None of the pastures had previously received any application of fertilizers or lime, representing the prevailing practice throughout Amazonian pastures. In each site we selected three such Babassu-islands clusters with >30 m distance between another, and for each cluster we selected three contrasting sampling positions (at 0.4 – 0.6 m 'within-cluster': high Babassu dominance – 'mid-distance' (at 2.5- 6 m distance from the adult palm): confrontation-zone – 'far' (at >8-10 m distance from the adult palm): high Urochloa grass dominance, total of 27 sampling points. Aboveground Urochloa biomass (sampled in 1m^2 squares per sampling point was estimated at 2.23 Mg ha^{-1}, 27.2% of which was classified as dead. All 27 sampling-locations were specifically visually scrutinized for the absence of any other (gramineous or herbaceous) species in their surroundings, thus guaranteeing the pure confrontation of our two model-species. All field work was conducted in May/June of 2019 (end of rainy season) within a time-span of 2 weeks.

II.2. Babassu and Urochloa root distribution

We used 'root walls' (Böhm 1979) to evaluate Babassu and Urochloa root distribution. Each root wall was 1 meter-wide and 50 cm deep, with orientation parallel to the Babassu-island boarders. Each root wall was sub-divided into 200 5 x 5 cm grids, and we counted in each grid Babassu and Urochloa roots in three predefined diameter classes: 'fine' (<2 mm), mid-diameter (2-5 mm) and 'coarse' (>5 mm).

The definition of 'fine roots' (as opposed to mid-diameter and coarse roots) is a compromise between inherent species / growth-form specific differences in specific root diameter (i.e. thin graminoid Urochloa grass roots vs. coarser lignified Babassu roots) and within-species physiological/functional distinction (fast-growing and shorter-lived fine roots for water- and nutrient-uptake vs. slow turnover/'long-lived' mid-sized and coarse roots for transport and storage) (McCormack et al. 2015, Freshet et al. 2021). Our definition of a 2 mm threshold for 'fine' roots is in accordance with some studies (Sanford and Cuevas, 1996), though thicker than in others (Castellanos et al. 2001, Huot et al. 2020), and is designed to account for the coarser fine roots (lowest branching-levels) of the Babassu palm, typical also for other palms (Nitta et al. 2002).

Distinction between Babassu and Urochloa roots is unambiguous; due to their contrasting color and structure, (orange lignified Babassu roots vs. white flexible almost exclusively fine Urochloa roots). We limit statistical analysis of Urochloa roots to their fine roots, as we registered only very few mid-diameter and coarse Urochloa roots (chap. III.1).

We furthermore estimated soil bulk density in one selected / 'representative' 5 x 5 cm grid at each 5 cm depth of each root wall in 5 x 5 x 3.3 cm cubic samples, permitting the analysis of the immediate impact of bulk soil density on root distributions in the selected grids (chap. III.5).

II.3 Data-processing and statistics

The root wall counts both visually and statistically. For statistical processing, we (i) analyzed grid-data as a total, and (ii) summed root-counts in the 20 5 cm grids per soil depth, thus reducing the problem of zero-inflation. We checked data for normality of distribution via Kolmogorow-Smirnov and Lilliefor´s tests, and also checked for homogeneity of variance (Levene test). We explore the effects of our relative dominance gradient (distance from Babassu clusters) with both distance classes as a categorical variable and with continuous metric distance.

We used Generalized Additive Mixed Models (GAMM) for estimation of regression parameters, based on log10-transformed variables corrected for dispersion and spatial autocorrelation, in order to control residual variance. We selected the best likelihood model based on lowest AIC values. Statistical analyses were carried out in R studio Version 4.1.0 (R Core Team, 2021) using the package "mgcv" (Wood 2003, 2004, 2011, Wood et al. 2016) to run models. Steps for model selection were carried out as suggested by Zuur et al. (2009) and Zuur (2012), accepting p-values <0.001 as precondition for parameter selection.

III. RESULTS

III.1. Impact of relative Babassu and Urochloa dominance on root counts

We counted a total of 10.409 Babassu and 10.326 Urochloa roots in the 27 root walls. 69.1% of all roots were fine (>2 mm) roots but root diameter composition differed strongly between the two species: Babassu with 24.9% coarse root, 19.7% mid-diameter root and 55.4% fine root counts, as opposed to Urochloa with 6.5% coarse root, 10.5% mid-diameter root and 83.0% fine root counts.

Figure 2 compares the four main root categories between distance categories, and Figure 3 depicts the respective relationships with metric distance from the Babassu clusters. The strong differences in all root categories between sampling positions and their significant relationships with metric distance of sampling points from the Babassu clusters confirm our experimental layout which takes horizontal distance from the Babassu clusters as a proxy for relative Babassu / Urochloa dominance.

Coarse root counts were 4.7-fold higher within the Babassu clusters ('within-cluster') than at mid-distance and 12-fold higher than far from the Babassu clusters. Mid-diameter Babassu roots were less horizontally concentrated within the Babassu clusters. Of their total of 2046 mid-sized roots, 1460 were within clusters and 394 at mid-distance, but a further 162 were 'far' (at >8.0 - 10.0 m distance from the Babassu clusters), pointing to a significant horizontal extension of the Babassu root system and root Babassu foraging at far distances / within the Urochloa pasture. Contrary to Babassu coarse and mid-diameter roots, Babassu fine root counts were less than double within the Babassu clusters than at mid- and long distances. Urochloa fine root counts were maximum far from Babassu clusters, similar at mid-distance (14.4% lower) but 59.3% lower within Babassu clusters.

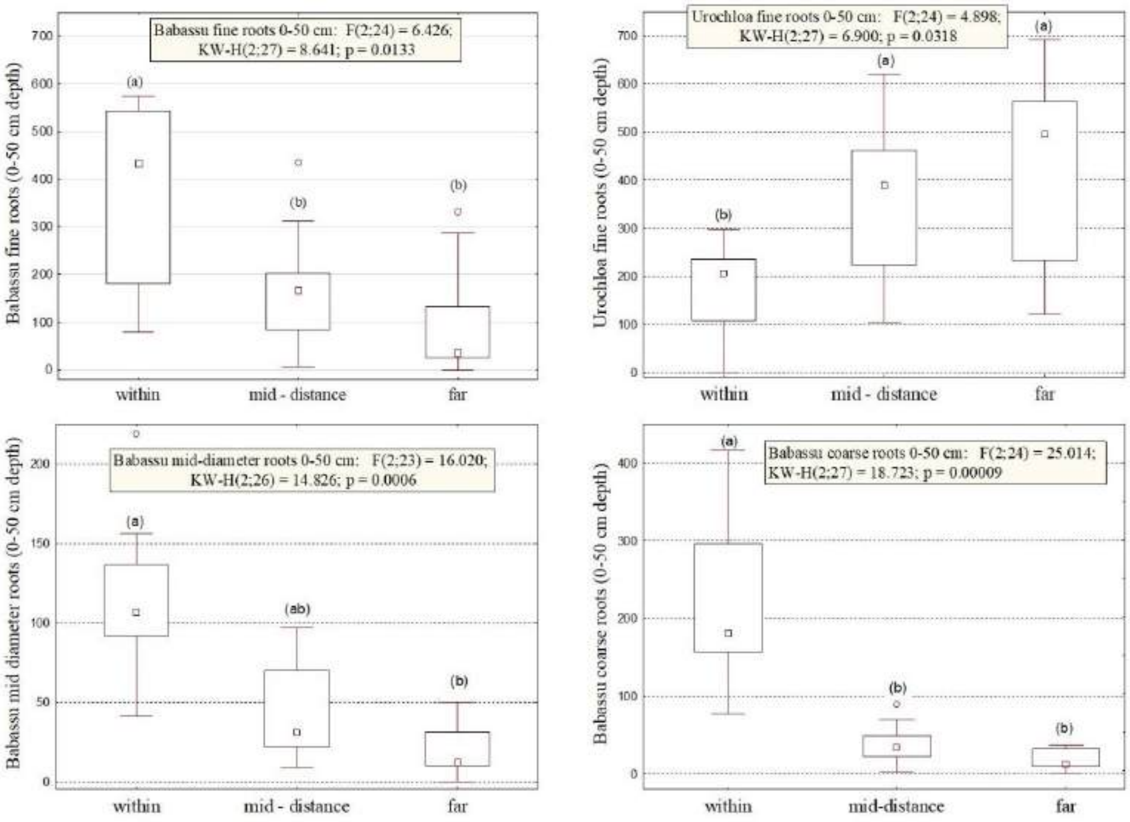


Figure 2. Babassu and Urochloa fine roots (top) and Babassu mid-diameter and coarse roots (bottom) in 0-50 cm soil depth. Medians, 25/75-percentiles, non-outlier range and outliers, extremes excluded. Letters refer to distance-grouping according to non-parametric Kruskall-Wallis ANOVA.

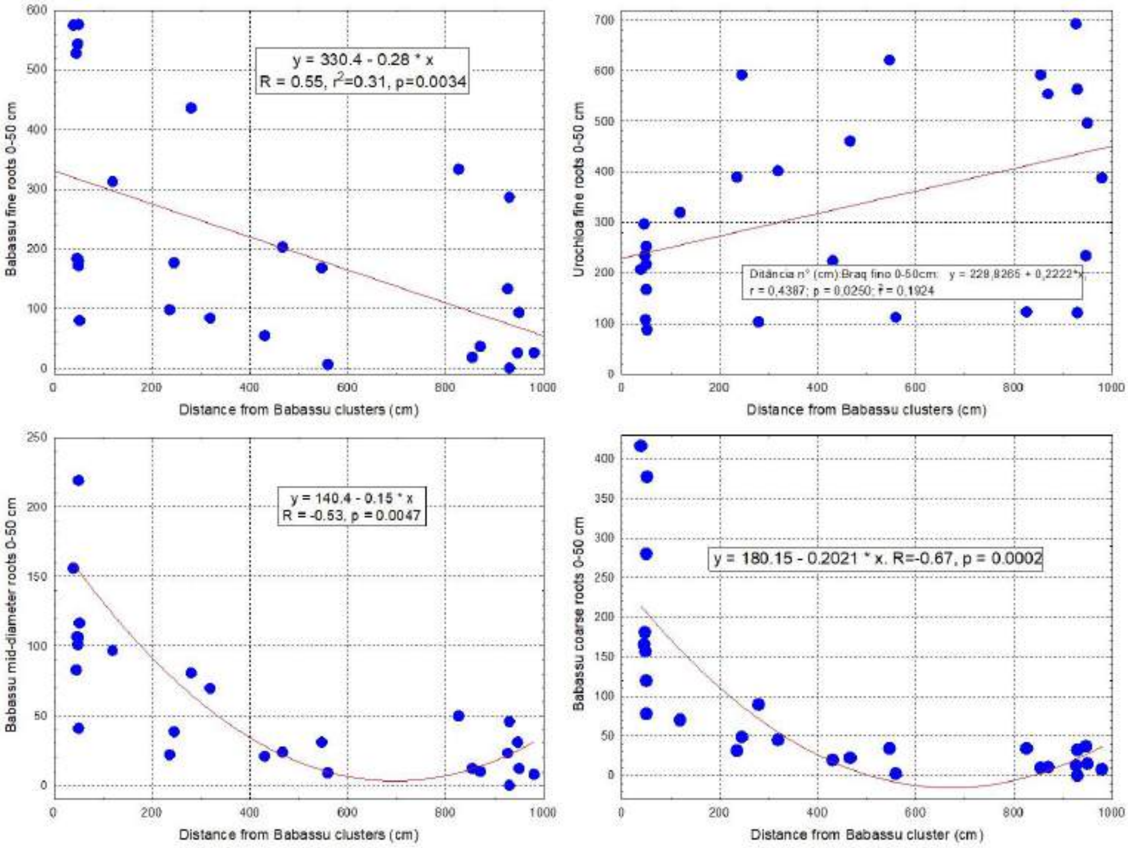


Figure 3. Relationship between metric distance from Babassu clusters and abundance of Babassu and Urochloa fine roots (top, linear fits) and of Babassu coarse and mid-diameter roots (bottom, negative exponential fit).

III.2. Babassu coarse and mid-diameter horizontal and vertical profiles

Figure 4 depicts coarse and mid-sized Babassu root vertical distribution at three distances from Babassu clusters. Coarse root counts were 4.7-fold higher within the Babassu clusters than at mid-distance and 12-fold higher than at long distance from the Babassu clusters, pointing to a very limited horizontal dispersal of Babassu coarse roots and their concentration directly beneath the palms within the Babassu clusters. Curvilinear relationships between root counts and soil depth were significant within Babassu clusters, both for coarse and mid-diameter roots, but – due to small densities - failed to be significant at mid-distance and far from Babassu clusters. Coarse root counts peaked at approximately 30 cm depth in all three sampling distances, but the peak was far more expressed within the Babassu clusters.

Mid-diameter roots likewise were concentrated within the Babassu clusters but to a lesser degree. Mid-diameter Babassu root counts were 3.7-fold higher within the Babassu clusters than at mid-distance and 7.6-fold higher within the Babassu clusters than far from Babassu clusters. The occurrence of an average 43.7 mid-diameter Babassu roots at mid-distance and of 21.3 far (8-10 m distance) from Babassu palms is indicative of a wide spatial range of the Babassu rooting system and root foraging well within the Urochloa pastures.

Contrary to the coarse root counts, Babassu mid-diameter counts within the Babassu clusters didn´t exhibit a clear peak at 30 cm soil depth, but rather continuously increased down to the 50 cm maximum sampling-depth (Figure 4 right).

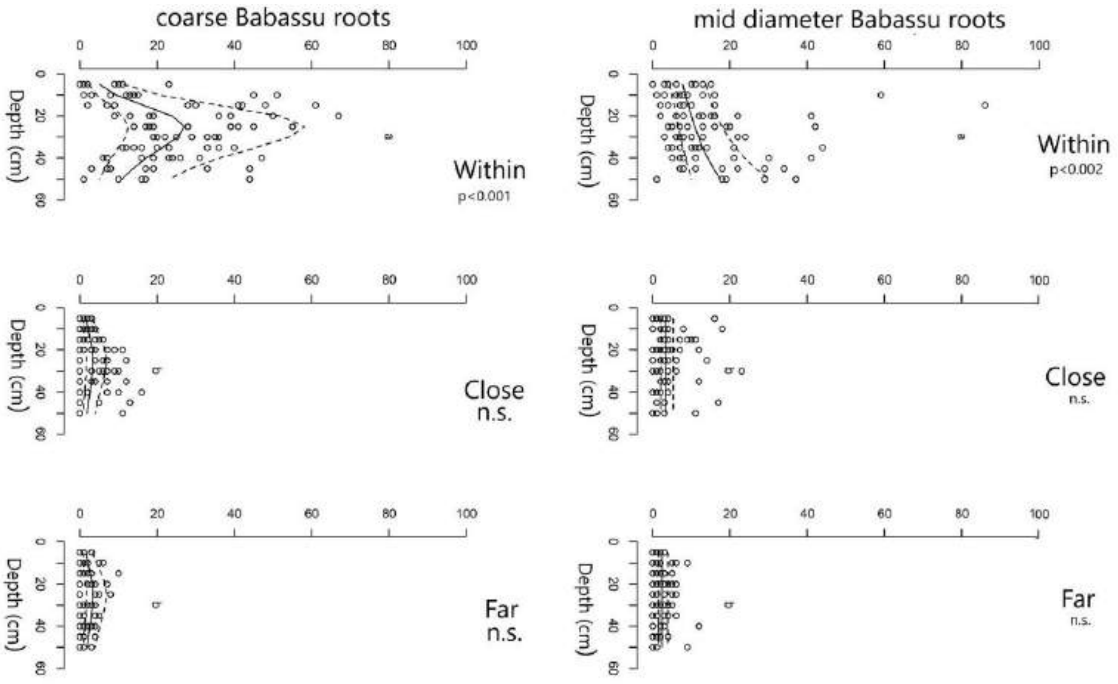


Figure 4. Coarse (>5 mm, left) and mid-diameter (2-5mm, right) root counts per 5 cm soil depth at sampling positions ‘within’ (top), at mid-distance (2.5 – 6.0 m) (middle) and ‘far’ (>6 m, bottom) from babassu clusters. Solid lines represent data interpolation, dotted lines represent 95% confidence intervals.

III.3. Babassu and Urochloa vertical fine root profiles

Figure 5 depicts the vertical distribution of Babassu and Urochloa fine roots down the 0-50 cm soil profile. Surface rooting was expressive, 74.6% of all fine roots occurred in the upper 20 cm, but the relative vertical distribution below the 0-50 cm soil profile differed between Babassu and Urochloa - Urochloa fine roots were more concentrated in the topsoil layer (on average 41.9% of all Urochloa fine roots were concentrated in the upper 0-10 cm layer, compared to only 30.1% of Babassu fine roots) 22.5% of all Babassu fine roots were below 30 cm, as opposed to only 14.8% of Urochloa roots.

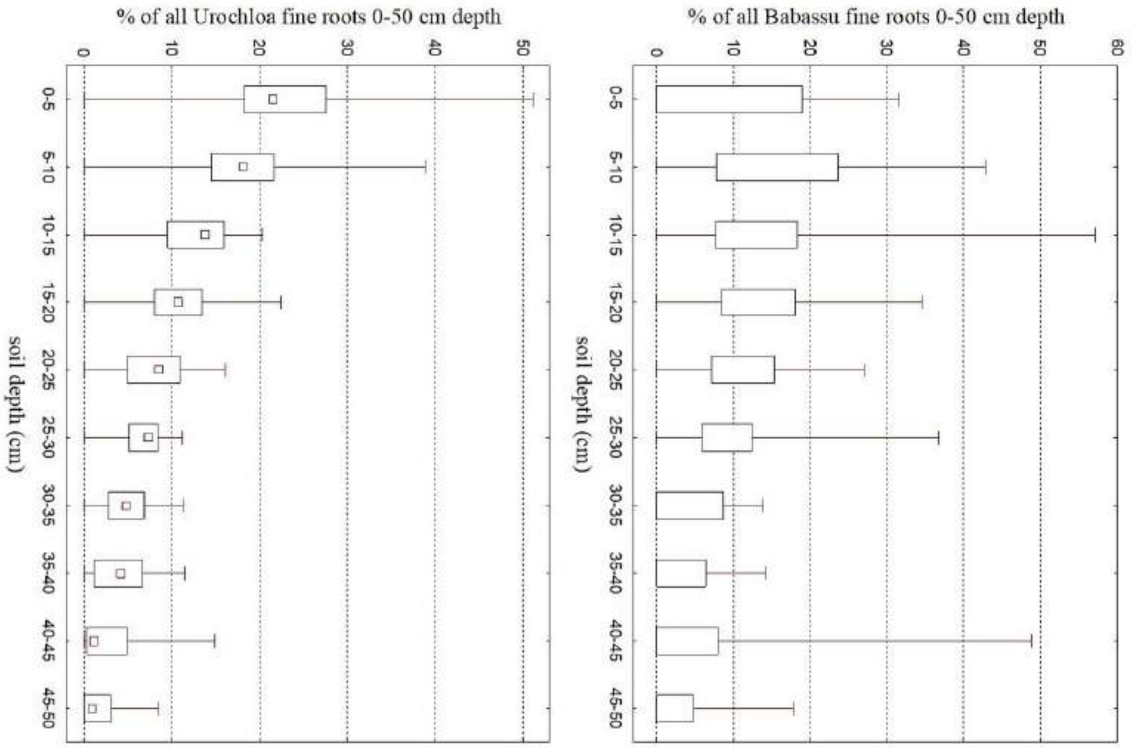


Figure 5. Relative vertical distribution of Urochloa (left) and Babassu (right) fine roots along the 50 cm soil profile over at all three distances: percentages of total root count per 5 cm soil layer (medians, 25- and 75-percentiles and range).

III.4 Impact of relative Babassu and Urochloa dominance on vertical fine root profiles

Vertical distribution differed significantly between distance / relative dominance (Figure 6). Topsoil concentration of Urochloa fine root counts was maximum in the first

10 cm, with (50.6%) far from Babassu clusters, (41.9%) at mid-distance and (38.3%) within the Babassu clusters, with no significant differences in their vertical profile between distances classes. In marked contrast, the vertical profile of Babassu fine roots differed significantly between distance classes, with 37.5% of all Babassu fine roots concentrated in the top 0-10 cm within Babassu clusters, as opposed to only 20.3% at mid-distance and 20.8% at far sampling distance dominated by Urochloa.

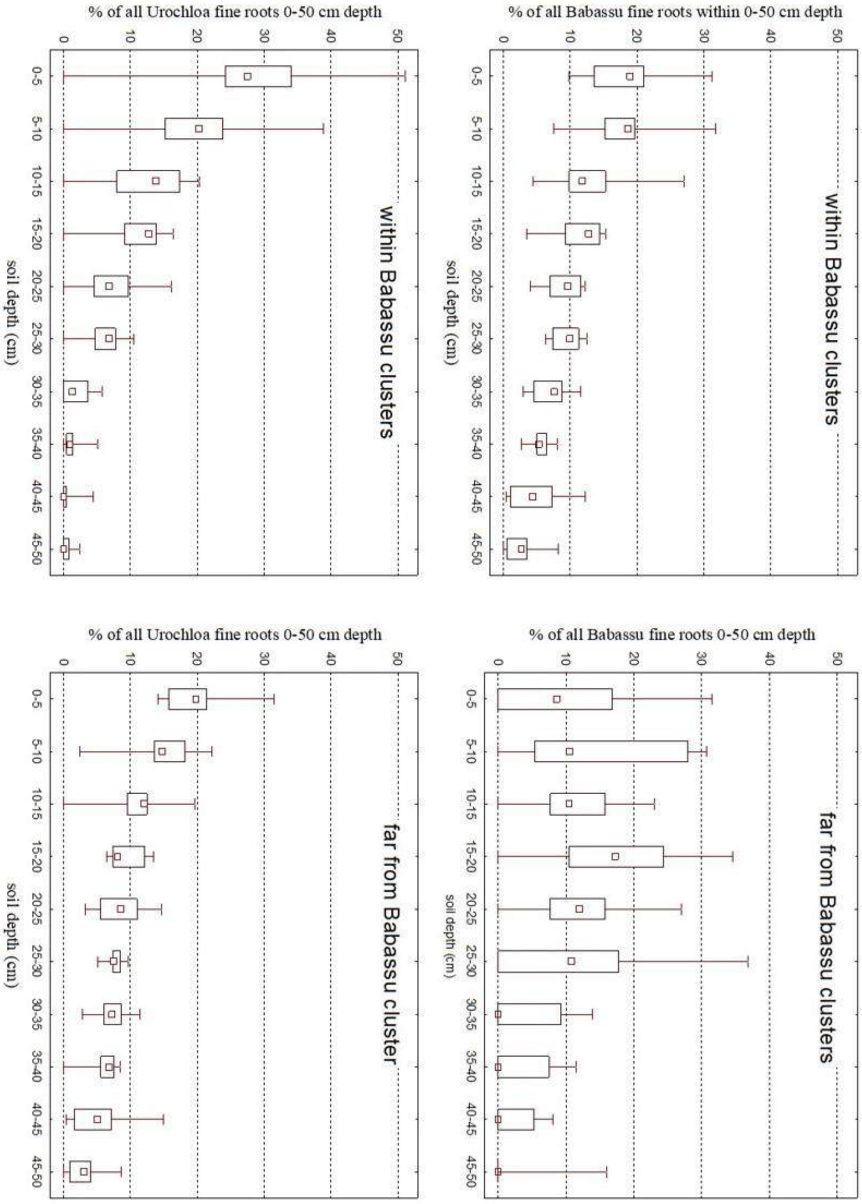


Figure 6. Relative vertical distribution of Babassu (top) and Urochloa (bottom) fine roots down the 50 cm soil profile at distances 'within' (left) and ‘far' (right). Percentages of total root counts per 5 cm soil layer (medians, 25 and 75 percentiles and range).

Figure 7 compares the vertical fine root distribution of Babassu and Urochloa under monospecific vs. heterospecific competition. Whereas Babassu fine root distribution within Babassu clusters was strongly concentrated in the top 15 cm soil, its vertical profile changed systematically under conditions of Urochloa dominance (far from Babassu clusters), with significantly lower fine roots in the topsoil and fine root density peak at 15-20 cm soil depth. By contrast, Urochloa fine root vertical profile was unchanged between sampling positions ‘within’ vs. ‘far’ from Babassu clusters. Concomitantly, the portion of fine root counts concentrated in the first 10 cm topsoil (relative to 0-50 cm total profile) was significantly lower for Babassu fine roots in Urochloa-dominated ‘mid-distance’ and ‘far’ sampling positions (Figure 7 left), whereas Urochloa fine root shallowness remained unchanged by sampling distances / relative dominances (Figure 7, right).

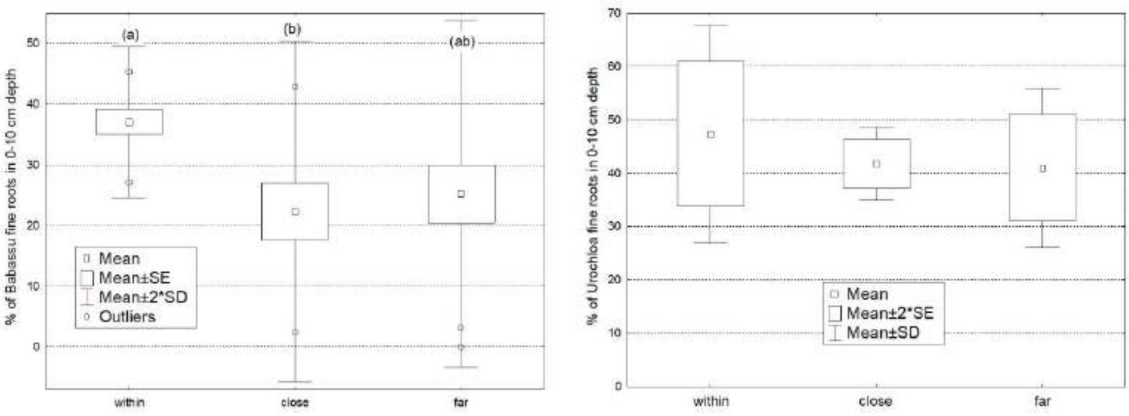
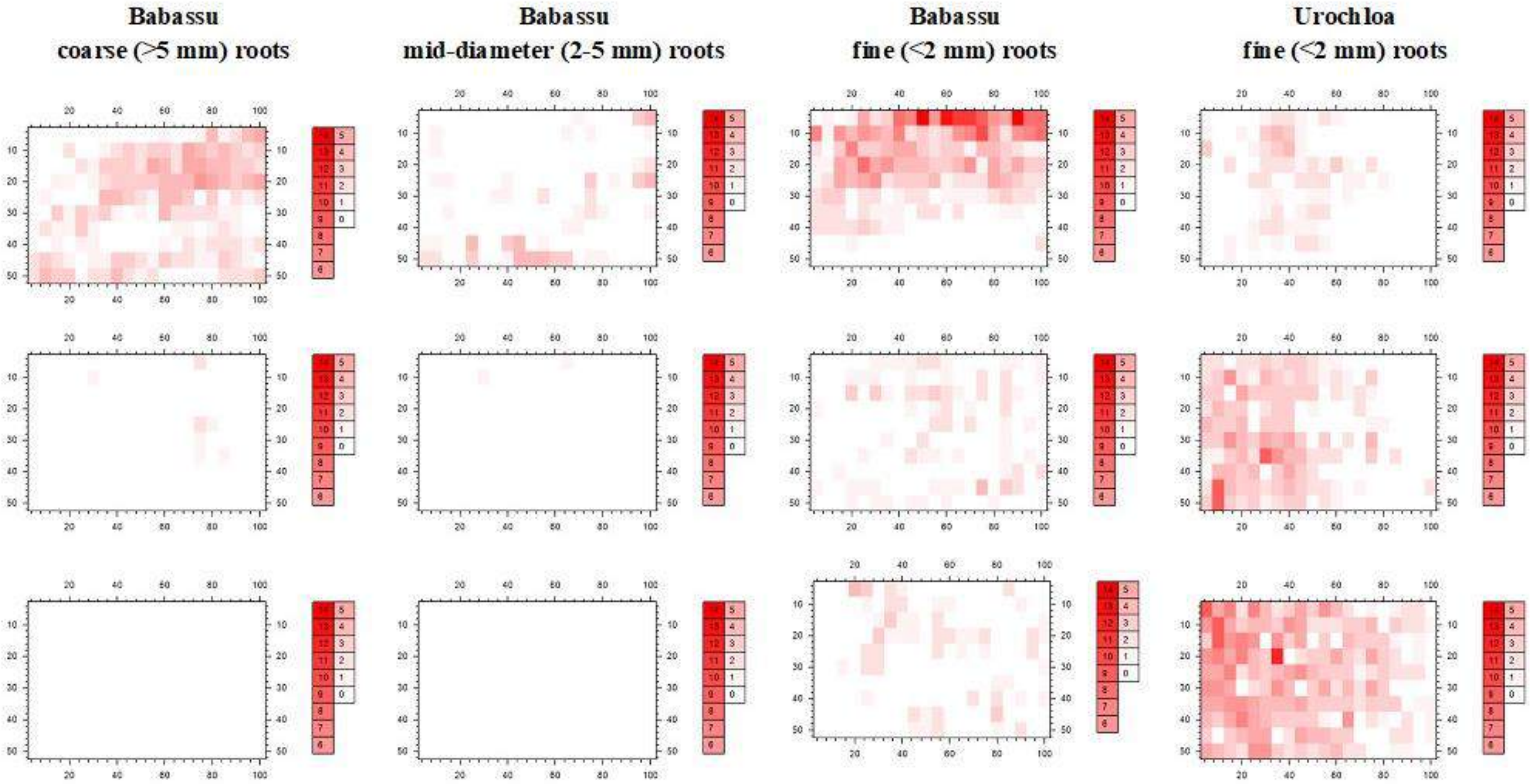


Figure 7. Percentage of all fine roots 0-50 cm concentrated within the top 0-10 cm soil layer for Babassu (left) and Urochloa (right), at sampling positions within, mid-distance and far from Babassu clusters. Means ±SE and SD, letters refer to groupings according to Tukey HSD post-hoc test.

III.5. Small-scale root distribution within the root walls

Figure 8 depicts exemplary root walls of the four main root fractions at three different distances from the Babassu clusters. Next to the – expected – differences in total root counts (see previous chapters) a large small-scale variability in root count densities turns apparent. Root distribution between the 5401 5 x 5 cm grids was strongly skewed. For Urochloa fine roots, the densest 10% of all Urochloa grids (≥6 roots 25 cm^{-2}) combined 40.3% of all fine roots, whereas the top 10-percentile of Babassu fine roots (≥5 roots 25 cm^{-2}) only 38.4% of all fine roots. Our findings point to 'hotspots' of fine root proliferation and soil exploration of both species.

We searched for but did not find any significant correlations between root counts of Babassu and Urochloa fine roots in each 5 x 5 cm grid for any soil horizon (data not shown).



Babassu
coarse (>5 mm) roots

Babassu
mid-diameter (2-5 mm) roots

Babassu
fine (<2 mm) roots

Urochloa
fine (<2 mm) roots

Figure 8. Exemplary root walls ‘within’ (top row), ‘mid-distance’ (center) and ‘far’ (bottom row) from Babassu palm clusters: Root counts per 5 x 5 cm grid for Babassu coarse, mid-diameter and fine roots and for Urochloa fine roots.

III.6. Relationship between bulk soil density and root counts

We found significant relationships between soil density and Babassu and Urochloa fine root counts, both determined in the same 5 x 5 x 3.3 cm grids of the root walls (see chap. II.2). The relationships were weak, but significant for both species, but with contrasting signs (positive relationship for Babassu, negative relationship for Urochloa) (Figure 9). Relationships were not systematically affected by soil depth.

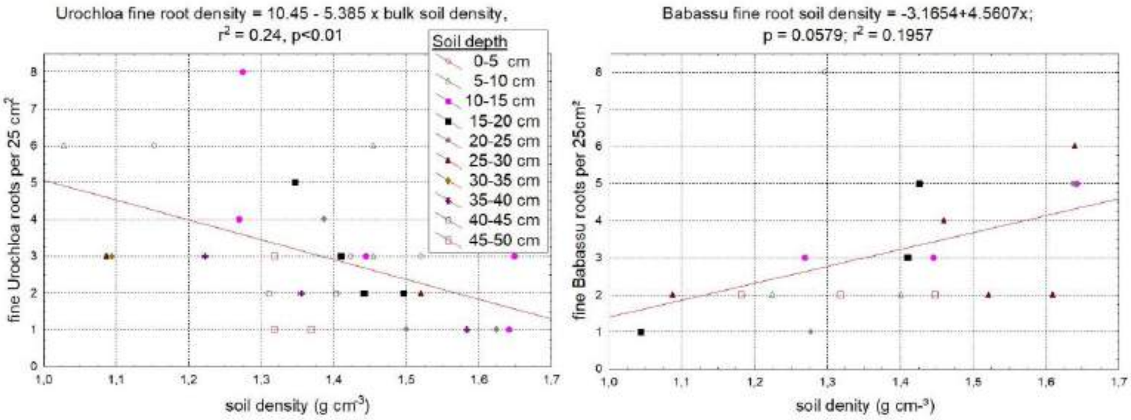


Figure 9. Relationship between soil bulk density and Urochloa (left) and Babassu (right) fine root counts within 5 x 5 x 3.3 cm grids / cubes containing more than zero fine roots.

IV. DISCUSSION

IV. 1. Babassu coarse and mid-diameter roots

Vertical profiles likewise differed between coarse and mid-diameter Babassu roots. Coarse root counts peaked at about 30 cm depth, followed by a reduction with depth. By contrast, mid-diameter Babassu roots increased in density with depth throughout the 50 cm profile. This pattern applied at all three sampling distances, but was more evident within the Babassu clusters, due to the overall greater abundance of coarse roots. Such massive coarse root concentrations within-clusters / directly below the palms in deeper soil layers confirms the results of a previous study on Babassu roots in shifting cultivation fields (SOUSA et al., 2016) pointing to a limited horizontal dispersal of

Babassu coarse roots / their concentration within the Babassu clusters / directly beneath the palms. These coarse roots are the basis for the high reporting ability of Babassu palms even after repeated slash-and-burn losses, likely due to abundant reserves of labile carbohydrates and phytates (Ashworth 2021). Their deep location was previously also reported by Sousa et al. (2016), rendering high protection of these coarse root reserves and posing serious problems for efforts of controlling juvenile (stemless) Babassu palm density.

Babassu coarse roots were strongly concentrated within Babassu clusters and strongly reduced at distances >1 m. Though mid-diameter Babassu roots likewise declined with distance, we still counted an average 43.7 mid-diameter roots / soil profile at 2.5–6 m and 21.3 mid-diameter roots / soil profile at 8-10 m distance from the Babassu clusters. The main function of mid-diameter roots is to serve as ligand for fine roots (Freshet et al., 2021), though mid-diameter roots also are important for short-term carbohydrate storage (Signori-Müller et al. 2021). Our finding points to significant Babassu root foraging at mid- to long distances, well within the Urochloa pastures.

IV.2. Babassu vs Urochloa fine root vertical distribution: vertical partitioning?

We counted overall 48.6% more Urochloa than Babassu fine roots. Over both species and all sampling points, 37.2% of all fine root counts within the 0-50 cm profile walls were registered in the top 0-10 cm, and 62.9% top 0-20 cm, reflecting the shallow distribution of soil organic matter and nutrients over an acid and nutrient-poor weathered subsoil typical for the humid tropics (SOUZA et al., 2018).

Compared with Babassu fine roots, Urochloa graminoid fine roots were more shallowly distributed: 43.3% of all 0-50 cm Urochloa fine roots concentrated in the top 10 cm and 67.0% in the top 20 cm, as opposed to only 28.2% and 57.7% of all Babassu fine roots. Our study confirms previous studies reporting on a shallow root system of Urochloa grass (Huot et al. 2020, Santos et al. 2013). Failure of Urochloa fine roots to penetrate deeper down the soil may have been partially caused by limitation of rootability caused by higher bulk soil density (negative correlation found in this study, Figure 10). Urochloa fine root sensitivity to bulk soil density has also been reported by Pacheco et al. (2016). As Al-saturation is high already in the 10-20 cm soil layer (Table 1), Al-toxicity may be a further impeding factor impeding factor. The graminoid roots of *Urochloa* spp. are known to be sensitive against Al-toxicity (Ramos et al. 2012; Furlan et al. 2020, Li et al. 2020). Shallow Urochloa rooting brings risks concerning losses via leaching of mobile nutrient ions (Bowman et al. 1998, Lehmann and Schroth 2003). On the other hand, shallow rooting has been shown to be advantageous for capturing intermittent dry season precipitation (De Deurwaerder et al. 2018).

By contrast, Babassu fine roots were significantly deeper rooted, with a more homogenous distribution down the first 20 cm and significant root counts even in the lowest horizons (43.7% of all fine roots in the 20-50 cm layer). Deeper rooting Babassu can be expected to explore more soil volume and resources, thus conferring this species a competitive advantage in temporarily water-stressed and nutrient-poor environments. The contrasting vertical fine root profiles of Babassu and Urochloa suggest that the two species occupy different belowground ecological niches and confirms the existence of (vertical) niche partitioning. The combination of both within a ‘silvopastoral system’ may therefore be expected to result in higher productivity than pure Urochloa pastures. The ecological and socioeconomic efficiency of Urochloa pastures with interspersed Babassu is nevertheless likely low, due to still very incomplete niche partitioning of this two-species ‘silvopastoral system’ and significant vertical niche overlap. Diversification of Urochloa pastures with further deeper-rooting components (e.g. fruit or timber trees) will be key for the transformation of low-efficiency pure pastures into more productive silvopastoral systems throughout Amazonia.

IV.3. Niche expansion under heterospecific competition

Though conspecific competition generally outweighs heterospecific competition (Adler et al. 2018, Lak et al. 2020), heterospecific competition frequently comes at a high cost for plant fitness. Plants under heterospecific competitive stress therefor tend to seek reduction of competition via niche segregation, both horizontally via spatial clustering (Lepik et al. 2021) and vertically via altered rooting depth (Dawson et al. 2001, Rolo and Moreno 2012). The ability of species to avoid interspecific competitive stress via niche segregation constitutes a form of plasticity and is likely a key component of species survival and success in stressed ecosystems (Callaway et al. 2003).

Vertical fine root distribution is a function of both intrinsic species-specific differences, and the plastic response of plants to their environment (Weiser et al. 2016). The vertical profile of Babassu fine roots strongly adapted to interspecific competition and partially escaped direct competition with dominant Urochloa at sampling positions far from the Babassu clusters by increasing their fine roots further down the soil profile. By contrast, Urochloa relative fine root vertical distrtibution was unaffected by sampling positions and similarly shallow (topsoil-dominated) within Babassu-dominated Babassu clusters as in Urochloa-dominated sampling position far from the Babassu clusters. Thus, Babassu exhibits significant plasticity to interspecific competitive pressure, whereas Urochloa apparently lacks such plasticity. Babassu´s high plasticity confirms results of Semchenko et al. (2017) on a higher tolerance of deeper-rooted species to interspecific competition stress, and low Urochloa vertical fine root plasticity confirms results of low vertical plasticity of graminoid fine roots to interspecific competition in montane grasslands (Herben et al. 2017), but contrasts high vertical fine root plasticity in an arid savanna (Chen et al. 2020).

IV.4. Small-scale root variability

Horizontal variability within the analyzed soil profiles (1.0 m x 0.5 m) was high, and some ‘hotspots’ with high fine root densities both of Babassu and Urochloa were apparent in all root walls and is confirmed in the strongly skewed root density frequency distributions. Skewness was higher for Babassu than for Urochloa fine roots, pointing to a patchier distribution and hotspots of Babassu fine roots. Hodge (2009) and Wang et al. (2017) have shown the importance of rooting hotspots / plasticity as key attributes for efficient accessing and exploration of heterogenous soil resources. This could indicate superior foraging ability of Babassu in heterogeneous soils with high small-scale spatial variability (Freshet et al. 2021). Interspecific interaction between fine-root systems occurs at the cm-level. Herben et al. (2020) report both between-species aggregation (common foraging of resources) and fine-root segregation. Contrary to our initial expectations, we did not find either positive or negative correlations between Babassu and Urochloa fine root counts within the 5 x 5 cm grids, possibly the net (mixed) outcome of foraging for the same small-scale distributed resources and mutual competitive exclusion / avoidance.

V. CONCLUSIONS

Fine root vertical distribution of Urochloa is shallower than that of Babassu, indicating belowground niche-partitioning. The more homogeneous and deeper profile of Babassu fine roots gives this palm access to more soil volume. However, considerable vertical niche overlap and wide-reaching Babassu mid-diameter roots both suggest that interspecific competition between these two ruderal species is nevertheless high. Thus, niche partitioning and overyielding is likely limited in this species-poor silvopastoral system, calling for the expansion of more diversified land-use models including more deeper-rooting species, in order to increase productivity and ecological efficiency.

Interspecific competitive stress provoked niche expansion of Babassu (increased fine rooting depth) but not of Urochloa, point to a higher plasticity of the Babassu rooting system. The lacking plasticity of Urochloa fine roots adds a further aspect to the low ecological efficiency of Urochloa-based pastures. By contrast, Babassu fine root plastic response to interspecific competition is a further feature of its optimum adaptation to biotic and abiotic stress in degraded lands, providing the foundation for the outstanding ecological success and expansion of this super-dominant palm throughout Amazonia. Controlling Babassu density / dominance is a difficult task, as large coarse root stocks well protected in deeper soil horizons guarantee vigorous resprouting.

VI. ACKNOWLEDGEMENTS

We are grateful for the financial support of the Foundation of Support for Scientific Research and Development and Technological of Maranhão – FAPEMA (Nº 028/2018 - IECT Babassu) and for the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, by granting scholarship to the first author.

VII. REFERENCES

Adler, P. B.; Sull, D.; Beard, K. H.; Choi, R. T.; Furniss, T.; Kulmatiski. A.; Meiners, J. M.; Trennick, A. T.; Veblen, K. E. Competition and coexistence in plant communities: intraspecific competition is stronger than interspecific competition. Ecology, v. 21, n. 9, p. 1319-1329, 2018.

Almeida, A. W.; Shiraishi Neto, J.; Mesquita, B. A. Economia do babaçu: levantamento preliminar de dados. MIQCB. Balaios Typografia; São Luís – MA, 2 ed; p. 294 2001.

Almeida, G.; Ramos, M. A.; Araújo, E. L.; Baldauf, C.; Albuquerque, U. P. Human perceptions of landscape change: The case of a monodominant forest of *Attalea speciosa* Mart ex. Spreng (Northeast Brazil). Ambio, v. 45, n. 4, p. 458-467, 2016.

Anderson, A, B.; May, P, H.; Balick, M. The subsidy from nature: Palm forests, peasantry, and development on an Amazon frontier. Columbia University Press, 1991.

Andrea, R.; Guitar, J.; O'Dwyer, J. P.; Figueroa, H.; Wright, S. J.; Condit, R.; Ostling, A. Counting niches: Abundance-by-trait patterns reveal niche partitioning in a neotropical forest. Ecology, v. 101, n. 6, p. e03019, 2020.

Ashworth, A. J., Adams, T., Kharel, T., Phillip, D., Owens, P., Sauer, T. Root decomposition in silvopastures is influenced by grazing, fertility, and grass species. Agrosystems, Geosciences & Environment, v. 4, n. 3, p. e20190, 2021.

Bartolomeus, I. E.; Godoy, O. Biotic controls of plant coexistence. Journal of Ecology, v.106, p.1767–1772, 2018.

Böhm. W. Methods of studying root systems. Ecological Studies Vol 33, Springer-Verlag, Heidelberg, 1979.

Bowman, D.C; Bowman, D.C.; Devitt, D.A.; Engelke, M.C; Rufty Jr, T.W. Root architecture affects nitrate leaching from bentgrass turf. Crop Science, v. 38, n. 6, p. 1633-1639, 1998.

Callaway, R.M.; Pennings, S.C.; Richards, C.L. Phenotypic plasticity and interactions among plants. Ecology, v. 84, n. 5, p. 1115-1128, 2003.

Cambardella, C. A.; Elliott, E.T. Carbon and nitrogen distributions in aggregates from cultivated and native grassland soils. Soil Science Society of America Journal v. 57, p. 1071–1076, 1992.

Castellanos, J.; Jaramillo, V. J.; Sanford J.R.; Kauffman, J. B. Slash-and-burn effects on fine root biomass and productivity in a tropical dry forest ecosystem in Mexico. Forest Ecology and Management, v. 148, n. 1-3, p. 41-50, 2001.

Chen, B.J.W.; Xu, C.; Liu, M.-S.; Huang, Z.Y.X.; Jian, M.J.S.; Anten, T.P.R. Neighbourhood-dependent root distributions and the consequences on root separation in arid ecosystems. Journal of Ecology v. 108, n. 4, p. 1635-1648.

Chesson, P. General theory of competitive coexistence in spatially-varying environments. Theoretical Population Biology, v. 58, n. 3, p. 211-237, 2000.

Claessen, Marie Elisabeth Christine. Manual de métodos de análise de solo. Embrapa Solos-Documentos (INFOTECA-E), 1997.

Costa, N.D.L.; Paulino, V.T.; Da Costa, R.S.C.; Pereira, R.D.A.; Townsend, C.R.; Magalhães, J.A. Effect of arbuscular mycorrhiza on growth and mineral nutrition of *Brachiaria brizantha* cv. Marandú. Ciência Animal Brasileira, v. 13, n. 4, p. 406-411, 2012.

Crawford, K.M.; Bauer, J.T.; Comita, L.S.; Eppinga, M.B.; Johnson, D.J.; Mangan, S.A.; Bever, J.D. When and where plant-soil feedback may promote plant coexistence: a meta-analysis. Ecology Letters, v. 22, n. 8, p. 1274-1284, 2019.

Dawson, L.A.; Duff, E.I.; Campbell, C.D.; Hirst, D.J. Depth distribution of cherry (*Prunus avium* L.) tree roots as influenced by grass root competition. Plant and Soil, v. 231, n. 1, p. 11-19, 2001.

De Deurwaerder, H.; Hervé-Fernández, P.; Stahl, C.; Burban, B.; Petronelli, P.; Hoffman, B.; Bonal, D.; Boeckx, P.; Verbeeck, H. Liana and tree below-ground water competition—

evidence for water resource partitioning during the dry season. Tree Physiology v.38, n. 7, p. 1071-1083, 2018.

Dybinski, R.; Tilman, D. Competition and Coexistence in Plant Communities. In:II.5 The Princeton guide to ecology. Princeton University Press, 2012.

Freshet, G.T.; Pagès, L.; Iversen, C.M.; Comas, L.H; Rewald, B.; Roumet, C.; McCormack, M.L. A starting guide to root ecology: strengthening ecological concepts and standardizing root classification, sampling, processing and trait measurements. New Phytologist, v. 232, n. 3, p. 973-1122, 2021.

Furlan, F.; Borgo, L.; Rabêlo, F.H.S.; Rossi, M.L.; Linhares, F.S.; Martinelli, A.P.; Lavres, J. Aluminum-induced toxicity in Urochloa brizantha genotypes: A first glance into root Al-apoplastic and-symplastic compartmentation, Al-translocation and antioxidant performance. Chemosphere, v. 243, p. 125362, 2020.

Gehring, C.; Leite, M.F.A.; Moraes, F.H.R. Allelopathic effects of the babassu palm on crops, pasture-grasses and key soil fungi. In: Resilience of agricultural systems against crises (Book of abstracts), p.97, Tropentag, Göttingen, 2012.

Gehring, C.; Zelarayán, M. C.; Luz, R.L.; Almeida, R.B.; Boddey, R.M.; Leite, M.F.A. Babassu palm (*Attalea speciosa* Mart.) super-dominance shapes its surroundings via multiple biotic, soil chemical, and physical interactions and accumulates soil carbon: a case study in eastern Amazonia. Plant and Soil, v. 454, n. 1, p. 447-460, 2020.

Gichangi, E. M.; Njardui, D. M.; Ghimre, S. R.; Gatheru, M.; Magirol, K. W. Effects of cultivated Brachiaria grasses on soil aggregation and stability in the semi-arid tropics of Kenya. Tropical and Subtropical Agroecosystems, v. 19, n. 2, p. 205-217, 2016.

Groppo, J.D.; Lins, S.R.M.; Camargo, P.B.; Assad, E.D.; Pinto, H.S.; Martins, S.C.; Salgado, P.R.; Evangelista, B.; Vasconcellos, E.; Sano, EE; Pavão, E .; Luna, R.; Martinelli, LA. Mudanças no carbono, nitrogênio e fósforo do solo devido a mudanças no uso da terra no Brasil. Biogeosciences Discussions, *v.*12, n.3, p. 2533–2571.

Herben, T.; Vozábová, T.; Hadincová, V.; Krahulec, F.; Mayerová, H.; Pecháčková, S.; Skálová, H.; Krak, K. Vertical root distribution of individual species in a mountain grassland community: Does it respond to neighbours? Journal of Ecology, v. 106, n. 3, p. 1083-1095, 2017.

Hernem, T.; Balsankova, T.; Hadincová, V.; Krahulek, F.; Perchasková, S.; Skalová, H.; Krak, K. Fine-scale root community structure in the field: Species aggregations change with root density. Journal of Ecology, v. 108, n. 4, pp. 1738-1749, 2020.

Hodge, A. Root decisions. Plant, Cell & Environment, v. 32, n. 6, p. 628-640, 2009.

Holdo, R.M. Revisiting the two-layer hypothesis: coexistence of alternative functional rooting strategies in savannas. PLoS One, v. 8, n. 8, p. e69625, 2013.

Huot, C.; Zhou, Y.; Philip, J. N.; Denton, M. D. Root depth development in tropical perennial forage grasses is related to root angle, root diameter and leaf area. Plant and Soil, v. 456, n. 1, p. 145-158, 2020.

InMet (Brazilian National Meteorological Institute) Rainfall data of the meteorological station of Chapadinha (MA), 2021. Available at https://bdmep.inmet.gov.br/

Isaac, M.; Borden, K. A. Nutrient acquisition strategies in agroforestry systems. Plant and Soil, v. 444, n. 1, p. 1-19, 2019.

Jakovac, C.C.; Peña-Claros, M.; Mesquita, R.C.; Bongers, F.; Kuyper, T.W. Swiddens under transition: consequences of agricultural intensification in the Amazon. Agriculture, Ecosystems and Environment, v. 218, p. 116-125, 2016.

Kato-Noguchi, H., Kobayashi, A., Ohno, O., Kimura, F., Fuji, Y., Suenaga, K. Substâncias fitotóxicas com atividade alelopática podem ser centrais para o forte potencial invasivo de *Brachiaria brizantha*. Journal of Plant Physiology, v. 171, n. 7, p. 525-530, 2014.

Lak, Z.A.; Sandén, H.; Mayer, M.; Godbold, D.L.; Rewald, B. Plasticity of root traits under competition for a nutrient-rich patch depends on tree species and possesses a large congruency between intra-and interspecific situations. Forests, v. 11, n. 5, p. 528, 2020.

Leal, L.P.; Stürmer, S.L.; Siqueira, J.O. Occurrence and diversity of arbuscular micorrhizal fungi in trap cultures from soils under different land use systems in the Amazon, Brazil. Brazilian Journal of Microbiology v. 40, p.111-121, 2009.

Lehmann, J.; Schroth, G. Nutrient leaching. Trees, Crops and Soil Fertility, p. 151-166, 2003.

Lepik, A.; Abakumova, M.; Davidson, J.; Zobel, K.; Semchenko, M. Spatial mapping of root systems reveals diverse strategies of soil exploration and resource contest in grassland plants. Journal of Ecology, v. 109, n. 2, p. 652-663, 2021.

Li, Z.; Wehr, J.B.; Wang, P.; Menzies, N.W.; Kopittke, P.M. Understanding the delayed expression of Al resistance in signal grass (*Urochloa decumbens*). Annals of Botany, v. 125, n. 5, p. 841-850, 2020.

Lima, R.L.F. Micorrizas arbusculares e absorção de fósforo em função da capacidade de fixação de fósforo do solo e da competição com a microbiota. Revista Brasileira de Geografia Física, v. 13, n. 03, p. 1062-1079, 2020.

Louw-Gaume, A.E.; Schweizer, N.; Rao, I.M.; Gaume, A.J.; Frossard, E. Temporal differences in plant growth and root exudation of two *Brachiaria* grasses in response to low phosphorus supply. Tropical Grasslands v. 5, n. 3, p. 103-116, 2017.

Low, S.G. Signal grass (*Brachiaria decumbens*) toxicity in grazing ruminants. Agriculture, v. 5, n. 4, p. 971-990, 2015.

Luz, R. L.; Leite, M.F.A.; Zelarayán, M. C.; Boddey, R.M.; Gehring, C. Litter decomposition and nutrient release dynamics of leaves and roots of the Babassu palm in eastern Amazonia. Acta Amazonica, v. 50, p. 213-222, 2020.

Martins, D.; Martins, C.C.; Costa, N.V. Allelopathic potential of solutions of soils cultivated with *Brachiaria brizantha*: effects on some pasture grass and weeds seeds. Planta Daninha, v. 24, n. 1, p. 61-70, 2006.

May, P.H. ; Anderson, A.B. ; Frazão, J.M.F.; Balick, M.J. Babassu palm in the agroforestry systems in Brazil's Mid-North region. Agroforestry Systems, v.3, n.3, p. 275-295, 1985.

McCormack, M.L.; Dickie, I.A.; Eissenstat, D.M.; Fahey, T.J.; Fernandez, C.W.; Guo, D.; Helmisaari, H.S.; Hobbie, E.A.; Iversen, C.M.; Jackson, R.B.; Leppälmy-Kujansuu, J.; Norby, R.J.; Philips, R.P.; Pregitzer, K.S.; Prichard, S.G.; Rewald, B.; Zadworny, M. Redefining fine roots improves understanding of below-ground contributions to terrestrial biosphere processes. New Phytologist, v. 207, n. 3, p. 505-518, 2015.

Mehlich, A. Determination of P, Ca, Mg, K, Na, and NH_4. North Carolina Soil Test Division (Mimeo 1953), p. 23-89, 1953.

Mitja, D.; Ferraz, I. D. Establishment of babassu in pasture in Para, Brazil. Palms, v. 45, n. 3, p. 138-147, 2001.

Nitta, Y.; Goto, Y.; Kakuda, K.I.; Ehara, H.; Ando, H.; Yoshida, T.; Yamamoto, Y.; Matsuda, T.; Jong, F.S.; Hassan, A.H. Morphological and anatomical observations of adventitious and lateral roots of sago palms. Plant Production Science, v. 5, n. 2, p. 139-145, 2002.

Nobre, C.P.; Costa, M.G.; Goto, B.T.; Gehring, C. Arbuscular mycorrhizal fungi associated with the Babassu palm (*Attalea speciosa*) in the eastern periphery of Amazonia, Brazil. Acta Amazonica, v. 48, p. 321-329, 2018.

Pacheco, L.P.; São Miguel, A.S.D.; de Souza, E.D.; de Carvalho, I.C.; Petter, F.A.; da Silva, R.G.; da Silva, C.M.R. Shoot and root development of brachiaria grass (*Urochloa ruziziensis*) under different levels of soil density. Australian Journal of Crop Science v. 10, n. 10, p. 1424-1428, 2016.

Porro, R. A economia invisível do babaçu e sua importância para meios de vida em comunidades agroextrativistas. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 169-188, 2019.

Raij, B.V.; Andrade, J.C.; Cantarella, H.; Quaggio, J.A. Análise química para avaliação da fertilidade de solos tropicais. Campinas, Instituto Agronômico, 285p. 2001.

Ramos, F.T.; França, M. G.; Alvim, M. N.; Rosiello, R.O.; Zonta, E. Aluminum tolerance measured by root growth and mucilage protection in *Urochloa brizantha* and *Urochloa decumbens*. Journal of Plant Interactions, v. 7, n. 3, p. 225-229, 2012.

Rodrigues, R. C.; Lima, A. J. T.; De Araújo, R. A.; De Jesus, A. P. R.; Costa, C. D. S.; Santos, F. N. S.; Costa, F. L.; Júnior, J. A. A. C.; Shigaki, J. F; Azevêdo, D. M. M. Agronomic, morphogenic and structural characteristics of Marandu grass in silvopastoral systems composed of babassu palm and grass monoculture. Semina: Ciências Agrárias, v. 37, n. 4, p. 2331-2341, 2016.

Rolo, V.; Moreno, G. Interspecific competition induces asymmetrical rooting profile adjustments in shrub-encroached open oak woodlands. Trees v. 26, p. 997-1006, 2012.

Sampaio, S.M.N.; Kingo, A.; Laques, A.E.; de Souza Miranda, I.; Mitja, D. Formation of Babassu in degraded areas by human action in southeast Para, Brazil: its importance for recovery of legal reserve areas. Proceedings of The International Society for Ecological Economics, ISEE Conference 16-19 June, 2012, Rio de Janeiro, Brazil.

Sanford, R. L.; Cuevas, E. Crescimento da raiz e interações da rizosfera em florestas tropicais (Root growth and rhizosphere interactions in tropical forests). In: Ecofisiologia de plantas florestais tropicais. Springer, Boston, MA, p. 268-300, 1996.

Santos, H. G.; Jacomime, P. K. T.; Dos Anjos, L. H. C.; De Olveira, V. A.; Lumbreras, J. F.; Coelho, M. R.; Cunha, T. J. F. Sistema brasileiro de classificação de solos (Brazilian Soil Taxonomy). Brasília, DF: Embrapa, 2018.

Santos, P. M.; Cruz, P. G. D.; Araujo, L. C. D.; Pezzopane, J. R. M.; Valle, C. B. D.; Pezzopane, C. D. G. Response mechanisms of Brachiaria brizantha cultivars to water deficit stress. Revista Brasileira de Zootecnia, v. 42, n. 11, p. 767-773, 2013.

Santos-Filho, F,S.; Júnior, E,B,A.; Soares, C,J,R. Cocais: zona ecotonal natural ou artificial?. Revista Equador, v. 2, n. 1, p. 02-13, 2013.

Schofield, E.J.; Rowntree, J.K.; Paterson, E.; Brooker, R.W. Temporal dynamism of resource capture: a missing factor in ecology? Trends in Ecology & Evolution, v. 33, n. 4, p. 277-286, 2018.

Schroth, G. A review of belowground interactions in agroforestry, focussing on mechanisms and management options. Agroforestry systems, v. 43, n. 1, p. 5-34, 1998.

Semchenko, M.; Lepik, A.; Abakumova, M.; Zobel, K. Different sets of belowground traits predict the ability of plant species to suppress and tolerate their competitors. Plant and Soil, v. 424, p. 157-169, 2018.

Signori-Müller, C.; Oliveira, R. S.; Valentim Tavares, J.; Carvalho Diniz, F.; Gilpin, M.; Barros, F.; Zevallos, M.J.M.; Yupaycana, C.S.A.; Brum, M.; Baker, T.R.; Cosio, E.G.; Mahli, Y.; Mendoza, A.B.; Oliver, L.; Philips, O.L.; Rowland, L.; Salinas, N.; Vásques, R.; Mencuccini, M.D. Variation of non-structural carbohydrates across the fast–slow continuum in Amazon Forest canopy trees. Functional Ecology, v. 36, n. 2, p. 341-355, 2022.

Silva Neto, S.P.; Santos, A.C.; Lima Leite, R.L.; Dim, V.P.; Neves Neto, D.N.; Silva, J.E.C. Variação espacial do teor de matéria orgânica do solo e produção de gramínea em pastagens de capim-marandu. Bioscience Journal, v. 28, n. 1, 2012.

Sousa, J.T.R; Moraes, F.H.R; Gehring, C. Root biomass in a shifting cultivation system in the eastern periphery of Amazonia, and contribution of the Babassu palm. Agroforestry Systems, v. 90, n. 2, p. 351-360, 2016.

Souza, E.S.D.; Fernandes, A.R.; De Souza Braz, A.M.; Oliveira, F.J.D., Alleoni, L.R.F.; Campos, M.C.C. Physical, chemical, and mineralogical attributes of a representative group of soils from the eastern Amazon region in Brazil. Soil, v. 4, n. 3, p. 195-212, 2018.

Sumarsih, E.; Nugroho, B.; Widyastuti, R. Study of root exudate organic acids and microbial population in the rhizosphere of oil palm seedlings. Journal of Tropical Soils, v. 22, n. 1, p. 29-36, 2017.

Teixeira, P.C.; Donagemma, G.K.; Fontana, A.; Teixeira, W.G. Manual de métodos de análise de solo. Brasília: Embrapa, p. 573, 2017.

Teutscherova, N.; Vazques, E.; Arevalo, A.; Pulleman, M.; Rao, I.; Arango, J. Differences in arbuscular mycorrhizal colonization and P acquisition between genotypes of the tropical Brachiaria grasses: is there a relation with BNI activity? Biology and Fertility of Soils, v. 55, n. 4, p. 325-337, 2019.

Vendramini, T. Um novo olhar para a pecuária brasileira. AgroANALYSIS, v. 39, n. 5, p. 47, 2019.

Villa, P. M.; Martins, S. V.; Neto, S. N. O.; Rofdrigues, A. C.; Martorano, L. G.; Monsanto, L. D.; Cancio, N. M.; Gastauer, M. Intensification of shifting cultivation reduces forest resilience in the northern Amazon. Forest Ecology and Management, v. 430, p. 312-320, 2018.

Walkley, A.; Black, I.A. An examination of the Degtjareff method for determining soil organic matter and a proposed modification of the chromic acid titration method. Soil Science, v. 37, n. 1, p. 29-38, Jan. 1934.

Wang, P.; Shu, M.; Mou, P.; Weiner, J. Fine root responses to temporal nutrient heterogeneity and competition in seedlings of two tree species with different rooting strategies. Ecology and Evolution, v. 8, n. 6, p. 3367-3375, 2018.

Weiser, M.; Koubek, T.; Herben, T. Root foraging performance and life-history traits. Frontiers in Plant Science v. 7, p. 779, 2016.

Wood, S.N. Thin plate regression splines. Journal of the Royal Statistical Society: Series B (Statistical Methodology), v. 65, n. 1, p. 95-114, 2003.

Wood, S.N. Stable and efficient multiple smoothing parameter estimation for generalized additive models. Journal of the American Statistical Association, v. 99, n. 467, p. 673-686, 2004.

Wood, S.N. Fast stable restricted maximum likelihood and marginal likelihood estimation of semiparametric generalized linear models. Journal of the Royal Statistical Society: Series B (Statistical Methodology), v. 73, n. 1, p. 3-36, 2011.

Wood, S.N.; Pya, N.; Säfken, B. Smoothing parameter and model selection for general smooth models. Journal of the American Statistical Association, v. 111, n. 516, p. 1548-1563, 2016.

Zangaro, W.; Lescano, L.E.; Matsuura, E.M.; Rondina, A.B.L.; Nogueira, M.A. Differences between root traits of early-and late-successional trees influence below-ground competition and seedling establishment. Journal of Tropical Ecology, v. 32, n. 4, p. 300-313, 2016.

Zuur A.F.; Ieno, E.N.; Walker, N.; Savaliev, A.A.; Smith, G.M. Mixed effects models and extensions in ecology with R. New York: Springer, 2009.

Zuur, A. F. A beginner's guide to generalized additive models with R. Newburgh, NY, USA: Highland Statistics Limited, 2012.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA ECOLOGICAL SOCIETY OF AMERICAN

Ecology is publishing more concise papers than has been the tradition for this journal. Concise publications yield increased interest and allow a greater number of papers and topics to appear in the journal. The number and average length of Articles published in *Ecology* is decreasing, and the number of Reports is increasing.

Many publications conceived in the past as Articles now be presented as Reports, with an average length of 5-6 journal pages (20 manuscript pages). Our goal is to publish Reports within six months of submission. Articles and Concepts and Synthesis papers will continue to be published in *Ecology*, but these will be shorter than the average Article of the past with a target length of 15.0 typeset pages (30 manuscript pages).
Length limits with respect to manuscripts refer to all pages, including title page, text, literature cited, tables and figures. Manuscript length DOES NOT include Supporting Information. Lengths are calculated on manuscripts that adhere fully to our formatting guidelines:

- The manuscript text, literature cited, and all captions/footnotes are double-spaced at three lines per inch (12 lines/10 cm) in 12-point Times New Roman font.
- The abstract/introduction begins on a new page after the title page
- Each table and figure are on their own page
- Figure captions are presented in their own section
- There is a 1 inch (2.54-cm) margin on all sides of each page.
- Page size is Letter 8½" by 11".

Final decisions on article types are at the discretion of ESA. (i) Papers submitted/accepted as Reports that require more than 8.0 typeset pages (20 manuscript pages) in the final version will be published as Articles. (ii) Articles, Concepts and Synthesis, and Perspectives papers estimated to be longer than 15.0 typeset pages (30 manuscript pages) may be transferred to *Ecological Monographs* for publication.

Articles

While a Report is a concise scientific statement on a single simple topic, an Article tells a more complicated story with distinct components. The greater length of Articles relative to Reports must be justified by their greater complexity and appeal to a broad ecological audience. We are asking authors to submit shorter, better-organized pieces that make use of Wiley Online Library for digital publication of appendices and supplements. Submissions are encouraged to meet the target length for Articles of between 20 and 30 manuscript pages (double-spaced, 12-point Times New Roman font, including everything from the title page through the last figure). Longer submissions (those over 30 pages, but under a maximum allowable 50 pages) should be accompanied by a detailed justification for the length in the cover letter at the time of submission. Manuscripts longer than 50 pages may be considered for *Ecological Monographs*, at the editor's discretion. The abstract can have a maximum of 350 words.

If your Article exceeds 30 pages, you should include two numbered sections in your cover letter to justify the increased length: *(Section 1)* Clearly explain the contribution of the work to the broad field of ecology, including how it advances the field beyond an improved understanding of a particular habitat, taxon, or subfield and *(Section 2)* Clearly explain the value provided by the additional length and why this material cannot be adequately presented as Supplemental Material. Manuscripts with incomplete justifications may be rejected without further consideration.

Submission requirements

Cover Letter. The cover letter should explain how the manuscript fits the scope of the journal, and more specifically how it advances the field, while having broad appeal. If the manuscript relates to any previous submission to an ESA journal, that must be explained as well. Longer submissions those between 30 and 50 manuscript pages) should be accompanied by a detailed justification for the length. There is a required text box for the cover letter. Uploading a cover letter as an attachment is optional.

Author List. All authors and co-authors must be present in both the online submission form and on the title page of the manuscript. State each author's affiliation(s) on the title page, usually the institutional affiliation of the author during the period when all or most of the data were collected. Present address(es), if different, should appear in parentheses.

There can be only one corresponding author for a manuscript. During peer review, the corresponding and contact authors can be the same person, or you can have two different authors for the two roles. Statements of author roles may be provided within the paper's Acknowledgments section if you feel author contributions should be specifically noted.

Contact author: Will handle all correspondence during the submission and review process.

Corresponding author: Will handle all correspondence with the publisher following acceptance and be the official correspondent of the published version of the manuscript. The Corresponding Author will be the author that works with the publisher during production; this author will be responsible for signing the license agreement, approving proofs, naming a billing contact, and will be listed as the correspondent on the published version.

Original Submission. Provide information describing the extent to which data or text in the manuscript have been used in other works that are published, in press, submitted, or soon to be submitted elsewhere. Enter this information in section “Dual Publication”.

No Prior Publication. ESA journals require that all submissions be original contributions, with full disclosure of any possible redundant publication made in a letter accompanying the submission. Under certain circumstances, use of the same data in two or more publications is appropriate and beneficial. This may be particularly true when new information allows reinterpretation of previously published data. In many cases, however, duplicate publication is wasteful of journal space and user resources. Although it is the Editor's responsibility to decide whether specific duplications are useful or wasteful, these decisions are generally based on information supplied by the authors. ESA journals have adopted a policy to facilitate this process. At the time of submission, authors must provide information describing the extent to which data or text in the manuscript have been used in other papers that are published, in press, submitted, or soon to be submitted elsewhere. In cases of overlap with other publications or submissions, authors should include copies of said papers along with the current submission.

Sometimes it is difficult to assess whether a work has truly been published previously. If a previous work was published in a journal or book that is already available in libraries, or is available for libraries to purchase, we expect no more than one-third overlap between the previous publication and the submission to ESA. Reference should be made to any closely related previous publication, especially if a table or figure is reproduced. If any data in a manuscript have been included in other published or unpublished manuscripts, the legend of each table or illustration reporting such data must cite those manuscripts. When in doubt, an author should supply copies of the previous publication to be sent to the Subject matter Editor and reviewers, who would then be asked to consider this matter. Authors are responsible for obtaining permission to reproduce previously published material.

A posting of a manuscript or thesis on an author’s personal or home institution’s website or ftp site generally will not be considered previous publication. Similarly, posting of a “working paper” in an institutional repository is allowed so long as at least one author is affiliated with that institution. Submitted manuscripts may have been posted to a preprint archive if the papers in the archive are not peer-reviewed, and provided that a link to the published article will be added if the manuscript is accepted by an ESA journal. Authors should disclose whether such a posting has been made at the time of submission. If a manuscript is available as part of a digital publication such as a journal, technical series, or some other entity to which a library can subscribe (especially if that publication has an ISSN or ISBN), we will consider that the manuscript has been published and is thus not eligible for consideration by our journals. Finally, a necessary test for prior publication is whether the author can legally transfer copyright to ESA.

Resubmission Policy. If the manuscript (or an earlier version of the manuscript) has been previously submitted to the same or another ESA journal, provide the previous manuscript number; explain how the current version differs from the previously submitted version and why it should be considered now for this journal. There are no guarantees it will be reviewed by the newly targeted journal. Enter this information in section "Previously Submitted".

Adherence to the ESA Code of Ethics. Authors should adhere to the **ESA Code of Ethics**; it deals with authorship, plagiarism, fraud, unauthorized use of data, copyrights, errors, confidentiality, intellectual property, attribution, willful delay of publication, and conflicts of interest, as well as other matters that are not specific to the publication process. The following general principles will be adhered to in dealing with situations in which an author's ethics are in question.

Manuscripts submitted to ESA journals are confidential. We will not normally reveal whether an author has submitted a manuscript to us or what a particular manuscript might contain, unless the authors ask that we do so. To do otherwise would be to compromise the ability of an author to obtain proper credit for his or her discoveries.

In the event that a private individual reports to us concerns about the ethics of a particular author, we will take note of such concerns and watch for any manuscript by that author that might represent questionable ethical practices.

If ESA has reason to doubt the ethical practices of an author of a manuscript, either because of concern raised by an editor, or because of information obtained from some other source, the Editor-in-Chief will process the manuscript in accordance with normal practice, but will simultaneously refer the matter to the ESA Professional Ethics Committee for review. The Committee will conduct whatever investigation it feels appropriate, taking care not to inadvertently damage the reputation of any of the parties concerned. The Editor-in-Chief will receive the advice of the Committee and decide a course of action in consultation with the Executive Director of the Society.

Animal welfare. Authors using experimental vertebrate animals must certify that their care was in accordance with institutional guidelines.

Endangered species. Authors must certify that research involving endangered species was conducted in conformance with all applicable laws.

Open Research Policy. **For new manuscript submissions as of 1-February-2021, authors must adhere to the ESA open research policy available here.**

Papers submitted prior to 1-Feb-2021, and revisions/accepted versions of these submissions, should continue to adhere to the policy in place at the time of the original submission, as shown below.

Although public data availability is not strictly a requirement for manuscripts submitted prior to 1-February-2021, any information on materials, methods or data necessary to verify the conclusions of the research reported must be made available to the Subject Matter Editor upon request.

By depositing data prior to publication of a manuscript, a permanent link can be made to and from the published paper. **Wiley Online Library** or Figshare can be used for this purpose, but only if the material is submitted with the original submission for peer review. Data must be deposited in other depositories following acceptance and prior to publication.

Authors are strongly encouraged to deposit the data underlying their manuscripts in the **Dryad** data repository or **Figshare,** which both provide flexible platforms for a wide variety of digital data. Other permanent depositories include **GenBank** for DNA sequences, **ORNL-DAAC** for biogeochemical data, **Knowledge Network for Biocomplexity: KNB** and the **Environmental Data Initiative (EDI)**, as well as institutional repositories such as that at the **University of Illinois.**

Authors will be responsible for any fees charged by external data repositories.

Analytic Methods Requirement *(for papers submitted prior to 1-Feb-2021).* Authors must disclose software and statistical procedures (including their version numbers) used in the manuscript and provide any novel computer code used for models, simulations, or statistical analyses at the time of submission. Computer code should be sufficiently documented so that reviewers and readers can reconstruct simulations, models, or analyses as reported in the submission and ultimate publication. For new manuscript submissions as of 1-February-2021, authors must adhere to the ESA open research policy available **here**.

English Language Editing. Authors are encouraged to enlist the aid of a technical editor for correct grammar and term usage and general clarity of the writing. Many such services are available online. No guarantees are associated with the use of these services.

Page Charges. Authors must agree to pay page charges or must obtain an ESA page-charge grant. Page charges will only be incurred for manuscripts accepted for publication.

Accepted Manuscripts

Assembly. Assemble the parts of the main manuscript in this order: title page, abstract, key words, text, acknowledgments, literature cited, tables, figure legends. Figures can be provided as the last pages of the main manuscript or as separate files. Appendices and Supplements should follow in a separate file or files. Number all pages of the main manuscript file consecutively.

All papers must be in English. Use American spellings (e.g., behavior, not behaviour). The CBE Style Manual, Fifth Edition, is recommended for details of style.

Title Page

All title pages should contain the following elements:

- **Running Head**. A running head of no longer than 40 letters and spaces should be provided at the top of the title page.

- **Title**. Titles should be concise, informative, tell what the paper is about and what it found. It should contain key words necessary for digital search and retrieval methods. Avoid vague declarations (e.g., "effects of ..."); strive for information content (e.g., “fungi kill tardigrades"). The maximum length is 120 characters, including spaces. Do not include the authority for taxonomic names in the title or in the abstract. Titles may not include numerical series designations. The first letter of the first word in the title is capitalized. All other words, except for proper nouns, are lowercase.
- **List of Authors**. For each author, give the relevant address, usually the institutional affiliation of the author during the period when all or most of the research was done. Each author’s present address, if different from this, and the author's email address should appear as a footnote at the bottom of the title page. Identify the Corresponding Author on the title page. Individuals listed as authors should have played a significant role in designing or carrying out the research, writing the manuscript, or providing extensive guidance on the execution of the project. Those whose role was limited to providing materials, financial support, or review should be recognized in the Acknowledgments section.

Abstract

The abstract should explain to the general reader why the research was done and why the results should be viewed as important. It should provide a brief summary of the research, including the purpose, methods, results, and major conclusions. Do not include literature citations in the Abstract. Avoid long lists of common methods or discursive explanations of what you set out to accomplish.

The primary purpose of an abstract is to allow readers to determine quickly and easily the content and results of a paper. Abstracts should not exceed 200 words for Reports and Statistical Reports, and 350 words for Articles and for Data Papers.

Key Words

Following the Abstract, list between 6–12 key words/phrases. Each key word should be useful as an entry point for a literature search.

Body of the Article

If appropriate, organize your article in sections labeled Introduction, Methods, Results, and Discussion. You may need to add a section for Conclusions. Brief articles usually do not require a label for the Introduction. If the nature of your research requires a different organization, specify the level of each section heading (1st-order head, 2nd-order head, etc.) by using unique type styles (italics, boldface) consistently for each heading in the hierarchy.

A brief **Introduction** describing the paper's significance should be intelligible to the general reader of the journal. The Introduction should state the reason for doing the research, the nature of the questions or hypotheses under consideration, and essential background. The Introduction is not a place for a lengthy review of the topic.

The **Methods** section should provide sufficient information to allow someone to repeat your work. A clear description of your experimental design, sampling procedures, and statistical procedures is especially important. Do not describe commonplace statistical tests in Methods, but allude to them briefly in Results. If you list a product (e.g., animal food, analytical device), supply the name and location of the manufacturer. Give the model number for equipment specified. Supply complete citations, including author (or editor), title, year, publisher and version number, for computer software mentioned in your article.

Results generally should be stated concisely and without interpretation, though in complex studies modest interpretation of individual parts can provide context helpful for understanding subsequent parts. The

Discussion should explain the significance of the results. Distinguish factual results from speculation and interpretation. Avoid excessive review.

Acknowledgments

Acknowledgments, including funding information, should appear in a brief statement at the end of the body of the text. Acknowledgments of specific author contributions to the paper should appear here.

Literature Cited (and other citations)

Avoid excessive citations; cite only essential sources. Before submitting the manuscript, check each citation in the text against the Literature Cited to see that they match exactly. Delete citations if they are not actually cited in the article. The list should conform in sequencing and punctuation to that in recent issues of the journal. All journal titles should be spelled out completely. Provide the publisher's name and location when you cite conference proceedings or other books.

The Literature Cited section of a paper may refer only to permanently archived material. If a reasonably diligent scholar 20 years in the future could not be assured of finding a particular source, it would not be acceptable as literature cited. Because Internet sources typically have a short half-life, they may not be included in Literature Cited sections unless there is reasonable evidence of permanency (e.g., Dryad). As a general rule, any publication that has an ISSN or ISBN is acceptable, but should be referenced by name (the URL may be added, but is not essential).

Do not list abstracts or unpublished material in the Literature Cited. These materials may be listed in the text as personal observations (by an author of the present paper), personal communications (information from others), public communications (information in published abstracts or information publicly distributed over the Internet but not permanently archived), unpublished manuscript, or unpublished data (for any unpublished data, keep in mind that new submissions made as of 1-February-2021 must adhere to the **ESA Open Research** policy and provide underlying data as a condition of publication of accepted papers). The author(s) is expected to verify for all "personal communications" that the authority cited agrees to the use of his or her name. For public communications, the reference should include date accessed, and title of the source, and basic access information such as URL